



**UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA**  
**FACULDADE DE TEOLOGIA**

**MESTRADO INTEGRADO EM TEOLOGIA (1.º grau canónico)**

**JOSÉ PEDRO DO VALE OLIVEIRA**

**Diálogo ecuménico**

**Caminhos de Reconciliação em Guimarães**

**Dissertação Final**  
**sob orientação de:**  
**Prof. Doutor José da Silva Lima**

**Braga**  
**2015**



## **Siglário**

CEI – Conselho Ecuménico das Igrejas

UR – Decreto *Unitatis Redintegratio*

UUS – Carta Encíclica *Ut Unum Sint*

CDC – Código de Direito Canónico (1983)

IURD – Igreja Universal do Reino de Deus

GBU – Grupo Bíblico Universitário

CAVIM – Centro Académico Vimaranense

SAER – Serviço de Assistência Espiritual e Religiosa

RMC – Religião Moral e Católica



## Introdução

A questão ecuménica na atualidade é pertinente e urgente. Pertinente porque hoje se vive e pensa no “global”; urgente porque a configuração territorial definida pelas diversas confissões religiosas é muito mais esbatida. O diverso e o relativo habitam lado a lado. Esta configuração em constante mudança lança desafios à Igreja Católica, que, no dizer do bispo de Roma, Francisco, obriga-a a ser uma “Igreja em saída”. Esta saída da Igreja poderá significar abraçar o diálogo com as culturas, com as diversas religiões, com as diferentes Igrejas irmãs. Será um voltar à riqueza de significados da palavra Ecumenismo<sup>1</sup> e torna-la encarnada numa realidade que murmura a urgência da comunhão.

É a partir desta perceção dinâmica e abrangente que se optou por analisar a problemática hodierna do movimento ecuménico, partindo duma panorâmica histórica geral para se concretizar num microcosmos de índole local, a cidade de Guimarães. Neste contexto, a presente dissertação foi elaborada no enquadramento da *Teologia Prática*.

Acrescente-se ainda que a temática do Ecumenismo é abordada de modo pouco aprofundado no plano curricular universitário da Faculdade de Teologia, do Centro Regional de Braga. De igual forma, na Arquidiocese de Braga não está ninguém especificamente destacado para a promoção de encontros entre as diversas confissões cristãs.

Tratando-se de uma tese de natureza pastoral, privilegiou-se, como acima se sublinhou, uma abordagem de proximidade a partir de um público-alvo concreto, no sentido de perceber como diversos grupos de cristãos estão sensíveis à concretização do diálogo ecuménico.

---

<sup>1</sup> Etimologicamente, *ecumenismo* deriva de οἰκουμένη, (oikuméne – mundo inteiro) que evidencia a tendência em fazer do mundo uma só família centrada em Cristo. Inicialmente, o termo tinha conotações políticas, mas desaparece com a queda do Império Romano, sendo somente a partir do século XIX recuperado pelo facto de designar a unidade entre as diferentes confissões cristãs. Neste sentido, o Ecumenismo consiste, não tanto na busca de conversões individuais de cristãos separados da Igreja Católica, nem na “nostalgia do retorno”, mas no encontro de comunhões, na atitude individual e comunitária de quem quer fazer caminho de reconciliação com o irmão separado e com o passado histórico, em que a Igreja se dividiu.

Por estas razões, realizar o presente trabalho foi desafiante e motivador.

A metodologia adotada abrange duas áreas de trabalho. A primeira incidiu sobre uma pesquisa e análise de documentos fundamentais, de carácter histórico e teológico, e a segunda sobre o contacto direto com um grupo populacional seguido de análise. Neste seguimento, foi elaborado um guião de entrevista com vários pontos de orientação comuns e contactou-se diretamente com os diferentes responsáveis/líderes das várias comunidades religiosas existentes na cidade de Guimarães.

Neste seguimento, a presente dissertação apresenta uma estrutura composta por quatro capítulos. O primeiro é de natureza histórica, e traça as origens do movimento ecuménico face frente às divisões ocorridas na Igreja ao longo da história. Neste capítulo procurou-se entender a razão da necessidade da unidade das Igrejas cristãs, nomeadamente pelo Ecumenismo. De facto, tal necessidade remonta, entre outros fatores, à cisão entre o Oriente e o Ocidente, no século XI, e, particularmente no Ocidente, à Reforma protestante, do século XVI, que abalou fortemente a Igreja, rompendo com a sua unidade.

No segundo capítulo, abordou-se a dimensão eclesial do movimento ecuménico a partir do Concílio Vaticano II. Começando pela perspectiva católica, onde nos situamos, importa realçar o contributo deste Concílio para a consciencialização da situação e do papel da Igreja no mundo hodierno. Nesse sentido, fez-se a análise de dois documentos que refletem a preocupação da Igreja em abrir caminhos para restabelecer a unidade pedida por Jesus Cristo. O primeiro é o decreto *Unitatis Redintegratio*, saído do Concílio Vaticano II com o fim de «propor a todos os católicos os meios, os caminhos e as formas com que eles possam corresponder a esta vocação e graça divina»<sup>2</sup>. O segundo documento apresentado é a carta encíclica *Ut Unum Sint* de João Paulo II. Com efeito, esta recupera os ditames do magistério

---

<sup>2</sup> Pedro Rodriguez SANTIDRIÁN, *Dicionário básico das religiões*, 162.

expressos no decreto conciliar, mas evidencia o empenho de toda a Igreja, Povo de Deus, na pessoa do bispo de Roma, representante de toda a hierarquia católica.

O terceiro capítulo, caminhos de diálogo – uma história de amizades em Guimarães, de cariz claramente pastoral, é dedicado à caracterização da vida religiosa católica e não-católica na cidade de Guimarães. Este capítulo teve por base a análise do estudo de Alfredo Teixeira acerca das identidades religiosas em Portugal, o qual permitiu estruturar este trabalho e perceber a premência de uma análise da geografia humana de Guimarães, a partir dos dados estatísticos constantes nos censos de 2011. Neste seguimento, procurou-se identificar as várias denominações religiosas não católicas na cidade Berço e, a fim de conhece-las, foi elaborado um guião de entrevista que serviu de base às conversas havidas com os líderes dessas comunidades (anexo 1). O mesmo método foi seguido para entender como as comunidades paroquiais da cidade encaram a temática do Ecumenismo (anexo 2). Posteriormente, procedeu-se à análise dos dados obtidos, particularizando a identidade de cada Igreja e a questão ecuménica.

O quarto capítulo, um caminho aberto ao Ecumenismo espiritual, desenvolve os resultados das sinergias efetuadas na referida cidade, de onde se destaca a importância da oração num Ecumenismo de índole mais espiritual. Assim se percebe que «falar de Ecumenismo espiritual é renovar a consciência de que a tarefa da unidade cristã, é fundamentalmente um dom de Deus, não é simplesmente obra nossa»<sup>3</sup>. Este capítulo tem início com uma explanação da oração sacerdotal em João 17, onde radica a necessidade do empenho ecuménico “para que todos sejam um”. Em seguida, foi apresentada a comunidade de Taizé como exemplo de um espaço ecuménico, que oferece uma oração aberta a todos os cristãos, tendo uma grande repercussão mundial. De igual forma, descreveu-se o impacto da

---

<sup>3</sup> José Eduardo Borges de PINHO, *Ecumenismo: Situação e perspectivas*, 125.

semana de oração pela unidade dos cristãos, como meio de respeitar, conhecer e congregar todas as confissões cristãs, a qual também tem eco na cidade de Guimarães.

## 1. Um movimento perante as divisões da Igreja

O movimento ecuménico surgiu como uma tentativa de superar as várias divisões que a Igreja de Jesus Cristo sofreu, ao longo da sua história. Nasceu com o grande contributo das Igrejas protestantes, que se encontravam em países de missão. Estes países conheceram algumas iniciativas esporádicas desde o século XVII, mas foi sobretudo no século XIX que a atividade missionária do mundo protestante ganhou força e, com esta surge o movimento ecuménico.

A necessidade crescente de aproximação impulsionou em 1857 a criação de uma espécie de associação em prol da promoção da unidade dos cristãos, composta por católicos, protestantes e ortodoxos, com o objetivo de orar juntos pela unidade. Sendo concebida como uma árvore com “três ramos” saídos de um tronco comum e iguais entre si<sup>4</sup>.

No ano de 1910, em Edimburgo, surgem dois movimentos protestantes, denominados “Vida e Ação” e “Fé e Constituição”, que acabam por constituir o apelo à unidade entre os cristãos. Com a Primeira Guerra Mundial, o primeiro movimento empenhou-se essencialmente na reconciliação das nações, desenvolvendo um trabalho no âmbito social e da justiça, em prol da paz das diferentes confissões cristãs da Europa do norte. Este movimento expressou, assim, o desejo de ações conjuntas pela unidade entre cristãos. Diga-se, também, que o segundo movimento criado e ativo no mesmo período, teve como objetivo procurar a unidade da Igreja cristã a partir do diálogo doutrinal, a fim de superar os obstáculos teológicos<sup>5</sup>. Em 1927, em Lausanne, o movimento ganha especial dimensão com a introdução do diálogo teológico entre as diferentes confissões cristãs. Assim, a unidade deixa de ser apenas um assunto restrito ao âmbito missionário, centrado na definição de práticas comuns de cariz moral, mas entusiasma vontade e força humanas exigindo, por isso, mais

---

<sup>4</sup> Cf. Jutta BURGGRAF, *Conocerse y Compreenderse: Una introducción al ecumenismo*, 251-252.

<sup>5</sup> Cf. *Ibidem*, 260-265.

questionamento da doutrina e a reformulação dos esquemas de reflexão teológica. Assim, à unidade, entendida como condição para se fazer a missão, juntou-se o diálogo como necessidade de escuta do “outro” na busca da união<sup>6</sup>.

A 6 de janeiro de 1928 foi publicada a carta encíclica *Mortalium Animos* de Pio XI, dedicada à promoção da verdadeira unidade da fé cristã. Esta apresenta uma abordagem do tema muito confinada a si mesma, reconhecendo como única Igreja a Católica Romana.

Mais tarde, em 1948, em Amesterdão, nasce o *Conselho Ecuménico das Igrejas (CEI)* composto por grande parte da cristandade mundial, que se coloca ao serviço das diferentes confissões cristãs, para que estas se conheçam, dialoguem e empreendam caminhos para a unidade. O seu objetivo fundamental é ajudar as diferentes confissões cristãs a tornarem-se ecuménicas nas suas recíprocas relações e a crescerem em conjunto para a unidade visível. No princípio, a Igreja Católica Romana olhou com reservas os passos dados por este Conselho. Contudo, a partir de 1961 manifestou interesse em conhecer a dinâmica interna das Assembleias do *CEI* enviando alguns observadores. E ainda, criou o Concílio Pontifício para a Promoção da Unidade<sup>7</sup>. Na declaração de Toronto de 1950, o referido Conselho dá a conhecer a sua natureza e identidade eclesiológica apresentando-se, sobretudo como uma associação ao serviço da unidade e das relações fraternais. Quem desejasse integrá-lo teria de aceitar a unidade trinitária e cristológica, não sendo obrigado a renunciar à sua própria Igreja<sup>8</sup>. Atualmente o *CEI* conta com «349 Igrejas, Denominações e Comunidades de Igrejas de mais de uma centena de países»<sup>9</sup> e reúne três movimentos diferentes: os dois anteriormente mencionados e o *Conselho Missionário Internacional* (que entrou no *CEI* em 1961) que graças a este, se mantém viva a consciência do nexu indissolúvel entre a unidade e a missão<sup>10</sup>.

---

<sup>6</sup> Cf. Fernando da Luz SOARES, «Diálogo ecuménico enquanto diálogo com o “outro”», in *Comunicação e Cultura*, 11 (2011) 67.

<sup>7</sup> Cf. Pedro Rodríguez SANTIDRIÁN, *op. cit.*, 125-126.

<sup>8</sup> Cf. Jutta BURGGRAF, *op. cit.*, 268.

<sup>9</sup> José Eduardo Borges de PINHO, *Ecumenismo: Situação e perspectivas*, 40.

<sup>10</sup> Cf. Jutta BURGGRAF, *op. cit.*, 269-272.

É de salientar que o Ecumenismo, hoje, apresenta-se com novas expressões, pois procura, a partir de Cristo, a unidade das diferentes confissões cristãs. Este deve-se ao desenvolvimento do *CEI* e do *Secretariado para a União dos Cristãos*. De facto, com o Concílio Ecuménico Vaticano II, a própria Igreja Católica passa de um modelo tradicionalista a uma maior consciencialização da necessidade de se abrir à reflexão e ao diálogo contemporâneo, fomentando o respeito e o desejo de unidade dos cristãos a fim de cumprir com a vontade de Jesus: «que todos sejam um» (Jo 7,21). Nesse seguimento, vários foram os pontífices romanos que deram voz a este apelo constante. Desde João XXIII que criou o secretariado para a unidade dos cristãos, Paulo VI que reconheceu publicamente os erros cometidos e pediu perdão, tal como o fez João Paulo II, que no seu ministério se empenhou particularmente pela unidade. Acrescem a estas iniciativas, os múltiplos encontros realizados em prol da paz e da unidade cristã, donde resultou, efetivamente, um maior diálogo, empenho ecuménico e ações específicas no campo social, pastoral e doutrinal, além de declarações conjuntas.

A importância do movimento ecuménico é, também, destacada pelo Código de Direito Canónico de 1983, quando afirma que o Colégio dos Bispos e a Sé Apostólica têm a responsabilidade de impulsionar e dirigir a participação dos católicos no movimento ecuménico (Cf. CDC, Can. 755§1). Além disso, estipula que é dever de cada bispo e das respetivas conferências episcopais promover esta unidade, segundo as circunstâncias e as oportunidades que surjam (Cf. CDC, Can. 755§2.), bem como formular normas práticas de acordo com as disposições da autoridade da Igreja no decreto conciliar *UR* e nos diretórios ecuménicos *Ad Totam Ecclesiam* e *Spiritus Domini*<sup>11</sup>.

Parece, todavia, oportuno, recordar as causas que desencadearam separações de várias índoles e graus entre os cristãos, com grande impacto na vida e na comunhão da Igreja. Na

---

<sup>11</sup> Cf. Gianfranco GHIRLANDA, *El derecho en la Iglesia misterio de comunión: Compêndio de derecho eclesial*, 532.

verdade, «[a]s primeiras divisões sobrevieram no Oriente, já por contestação das fórmulas dogmáticas dos Concílios de Éfeso e Calcedónia, já em tempo posterior, pela rutura da comunhão eclesiástica entre os Patriarcados orientais e a Sé Romana» (UR, 13). Podem apontar-se como estando na base destas cisões fatores de várias ordens: fatores territoriais, nomeadamente a crescente oposição entre o império bizantino e o império carolíngio; fatores políticos, atinentes à influência do papado romano sobre os bizantinos; fatores religiosos, no âmbito dos quais é fundamental enunciar a questão iconoclasta e, finalmente, fatores ideológicos, especificamente a questão doutrinal da introdução do “*filioque*” no Credo, a qual veio a ameaçar a já frágil unidade da Igreja. A estes fatores acresce, ainda, a Bula de 16 de Julho de 1054 que, por legado papal de Humberto, veio marcar definitivamente a divisão entre a Igreja de Roma e as Igrejas dos patriarcados Orientais, resultando na mútua excomunhão<sup>12</sup>.

Outra grande separação na Cristandade ocorreu no Ocidente, o movimento da Reforma Protestante. Um dos principais fatores desagregadores está na crescente procura de um cristianismo de cariz mais evangélico e existencial. Martinho Lutero (1483-1546) foi responsável pelo motim religioso instalado sobretudo na Europa central, opondo-se a diversos ensinamentos da Igreja Católica. Ele defendida que a natureza humana está desde logo corrompida pelo pecado, de nada servindo, as obras para a salvação, contrariando a afirmação católica que o homem se salva pela fé e pelas obras (Cf. Tg2,17)<sup>13</sup>.

Um outro facto que merece destaque e também encabeçado por Lutero são as suas famosas 95 teses, que com firmeza criticam os excessos do poder papal, assinalando as indulgências e a riqueza da Igreja, entre outros. A estas circunstâncias, acresce as influências do aristotelismo, que também se fez sentir no pensamento como afirmação suprema da razão humana. Além deste, também, João Calvino e Zwinglio tiveram grande impacto na aplicação

---

<sup>12</sup> Cf. Jean COMBY, *Para ler a história da Igreja (1)*, 135-138.

<sup>13</sup> Cf. IDEM, *Para ler a história da Igreja (2)*, 69-80.

de todos os pressupostos da reforma protestante<sup>14</sup>. Aliás, a própria realidade alemã da época é demonstrativa do autoritarismo do clero, da influenciabilidade do soberano e do ressentimento que, em alguns meios, se fazia sentir contra Roma.

Por fim, Lutero vê na fé a justificação de um Deus misericordioso para os homens, lendo toda a Escritura à luz desta máxima «o justo viverá da fé» (Rm 1,17). Ao advogar a abolição do celibato eclesiástico e da “teologia da consolação”, por exemplo, defende a salvação eterna apenas pela justificação da fé e autoriza uma interpretação que vê nelas a promoção de uma vida cristã ociosa, interpretação essa aceite no seu tempo de forma quase generalizada. Efetivamente, aquando da sua morte, a Reforma protestante estava presente em mais de metade da Alemanha, acabando por gerar no ano seguinte uma luta armada sob comando do imperador Carlos V. A paz, volta em 1552, sob o tratado de Passau, concede a liberdade religiosa aos luteranos.

Na mesma altura que se implementava o protestantismo na Alemanha, na Suíça alemã, Zwinglio (1484-1531), pároco de Glaris, moveu uma revolta religiosa de cariz pessoal. O seu fundamentalismo exacerbado desagradara a Lutero, que o considerou «um homem não cristão», nomeadamente pela sua vã doutrina relativamente à presença de Cristo na Eucaristia. Todavia a doutrina, segundo este pároco protestante, foi estabelecida sem grandes oposições.

Além de Zwinglio, contribuiu para o progresso do protestantismo João Calvino (1509-1564), também ele suíço. Homem de rigor, defensor da Reforma desde a juventude, Calvino admite somente dois sacramentos: o Batismo e a Ceia eucarística. Quanto à doutrina, exposta no tratado da Instituição cristã, instaurou um regime quase teocrático e assente numa vida social austera, inspirada na Bíblia, em que o governo da comunidade, por exemplo, dependia

---

<sup>14</sup> Cf. *Ibidem*.

de um “consistório” de pastores e anciãos. O protestantismo calvinista<sup>15</sup> ganhou força expansiva que chegou a ter um alcance superior ao do luteranismo de que advém.

A Reforma protestante de inspiração luterana ou calvinista, com o seu grande e rápido crescimento, extraiu da ortodoxia católica metade dos povos que tinha integrado a cristandade medieval, alterando, por completo, o rosto da Igreja na Europa. Na realidade, «muitas Comunhões, nacionais ou confessionais, se separaram da Sé Romana» (UR, 13).

Este período fica, ainda, marcado por uma importante reflexão sobre a doutrina da justificação, obra de Deus a ser acolhida na fé, o que quer dizer, que a fé é a capacidade de acolher a dádiva. «Não é o que nós fazemos que justifica, mas o que Deus fez por nós em Cristo»<sup>16</sup>. De facto, a fé é a única via de justificação do pecador. Assim, a controvérsia nasceu essencialmente do sacramento da reconciliação, centrada na confissão dos pecados, no arrependimento e na penitência.

Apesar das divisões que marcaram a história da Igreja, o movimento ecuménico procura abrir um caminho de comunhão fraterna na mesma fé em Jesus Cristo e na vida sacramental. Deve salientar-se que praticamente todas as Igrejas cristãs têm na sua origem os próprios apóstolos e todas comungam do mesmo património de tradição espiritual e da própria fé, seguindo os principais dogmas da fé cristã definidos nos Concílios Ecuménicos do Oriente, antes de qualquer divisão (Cf. UR, 14). Na verdade, o percurso histórico deste movimento, abundante nas cisões e controvérsias que se foram gerando, dá-nos conta de que o caminho para a unidade não foi pacífico.

---

<sup>15</sup> Note-se que o protestantismo de inspiração calvinista chegou a Inglaterra durante o reinado de Eduardo VI (1547-1553). Maria Tudor, sucessora de Eduardo VI, foi a grande defensora da restauração católica. Porém, quando sobe ao trono D. Isabel, filha de Henrique VIII e de Ana Bolena, verifica-se a existência de um Cristianismo diversificado, que conserva algumas das tradições católicas a par de um Anglicanismo protestantizado, com elementos luteranos e calvinistas.

<sup>16</sup> João DUQUE, *Homo Credens: Para uma Teologia da fé*, 102.

## 2. Concílio Vaticano II e Ecumenismo

Partindo do Ecumenismo como a «relação com toda a grande família humana em constante crescimento»<sup>17</sup>, num espírito de reconciliação corporativa entre as diferentes confissões cristãs e todo o seu passado histórico, não se pode falar de um retorno dos não católicos através de um conversão ao seio materno da Igreja Católica Romana. Esta, vê-se «a si própria nos caminhos do Ecumenismo, isto é, da unidade de todos os cristãos, pela qual o próprio Cristo orou e que é indiscutivelmente uma urgência do nosso tempo»<sup>18</sup>. Contudo, «antes do Concílio Vaticano II, a Igreja Católica tinha manifestado muitas reservas e reticências ao ecumenismo, temendo um “relativismo eclesiológico”»<sup>19</sup>.

No Concílio Vaticano II foi proposto que cada comunidade cristã devesse procurar reconciliar-se a partir de uma conversão pessoal e comunitária a fim de suscitar um compromisso de crescimento na unidade, uma vez que o próprio Cristo Senhor fundou uma só e única Igreja (Cf. UUS 15). Pretendia ser, sobretudo, portador da doutrina cristã e do ensino aos Homens de cada tempo, peregrinos nesta terra em direção a Cristo.

A palavra de João XXIII, lançando a ideia de realizar um “Concílio Ecuménico”, na festa da Conversão de São Paulo de 1959 perante o Colégio dos Cardeais, foi encarada como um “terramoto” que abalou tudo e todos, porquanto manifestou o desejo de «uma irradiação de luz sobrenatural, uma grande suavidade nos olhos e no coração. E, ao mesmo tempo, suscitou um grande fervor: de repente, em todo o mundo, na expectativa da celebração do Concílio»<sup>20</sup>. Na verdade, só um “profeta” é capaz de exortar com vigor a que todos se centrem no essencial e sejam capazes de reconhecer as falhas e procurar um rumo novo, um novo

---

<sup>17</sup> JOÃO PAULO II, *As Reflexões para o ano 2000*, 209.

<sup>18</sup> *Ibidem*.

<sup>19</sup> Santiago MADRIGAL, «El compromiso ecuménico de la Iglesia Católica: de “Unitatis redintegratio” a “Ut unum sint”», in *Sal Terrae*, 10 (1999), 792.

<sup>20</sup> JOÃO XXIII, *Discurso de sua santidade papa João XXIII na abertura solene do SS. Concílio, 11 de outubro de 1962*, in [http://www.vatican.va/holy\\_father/john\\_xxiii/speeches/1962/documents/hf\\_j-xxiii\\_spe\\_19621011\\_opening -council\\_po.html](http://www.vatican.va/holy_father/john_xxiii/speeches/1962/documents/hf_j-xxiii_spe_19621011_opening -council_po.html), acedido a 08-01-2015, às 11h30.

peregrinar terreno rumo à unidade. Neste sentido, afirmou João XXIII que «o Concílio era ‘a flor espontânea de uma inesperada primavera’ e ‘um novo Pentecostes’»<sup>21</sup>.

Havendo-se tornado evidente a necessidade de renovação da Igreja, este Concílio ocorre, não para discussão de temas de doutrina, no sentido da adesão ao ensino integral e exato, mas para responder aos desafios colocados pelo mundo. Assume-se, antes de mais, como necessário que a doutrina seja não só respeitada, mas aprofundada e exposta, numa pastoral atualizada relativamente às exigências e “sinais dos tempos”. Assim sendo, por este meio, a Igreja Católica deseja tornar-se mãe de todos, inclusive dos filhos dela separados. Não lhes promete riquezas, mas comunica um bem maior, a graça da filiação divina. Por conseguinte, irradia da sua doutrina a primazia da salvação para todos os homens e caridade cristã<sup>22</sup>. Deus «quer que todos os homens sejam salvos e cheguem ao conhecimento da verdade» (1Tm 2,4). Deste modo, é importante escutar a todos para construir a verdade na caridade (Cf. Ef 4,15), porque a verdade não se promove no confronto com o próximo mas, na caridade para com todos<sup>23</sup>.

Nesse sentido, a Igreja Católica empenhou-se no mistério da unidade, cumprindo o que Jesus pediu ao Pai, por meio da oração, no momento da Sua Paixão. Na verdade, católicos e não católicos devem procurar na oração o desejo da unidade e do respeito mútuo. São Cipriano recorda:

«A Igreja, aureolada de luz divina, envia os seus raios ao mundo inteiro; é, porém, luz única, que por toda a parte se difunde sem que fique repartida a unidade do corpo. Estende os seus ramos sobre toda a terra pela sua fecundidade, difunde sempre mais e mais os seus regatos: contudo, uma só é a cabeça, única é a origem, uma é a mãe

---

<sup>21</sup> Manuel MORUJÃO, *Ser cristão à luz do Vaticano II*, 16.

<sup>22</sup> Cf. JOÃO XXIII, *Discurso de sua santidade papa João XXIII na abertura solene do SS. Concílio, 11 de outubro de 1962*, in [http://www.vatican.va/holy\\_father/john\\_xxiii/speeches/1962/documents/hf\\_jxxiii\\_spe\\_19621011\\_opening-council\\_po.html](http://www.vatican.va/holy_father/john_xxiii/speeches/1962/documents/hf_jxxiii_spe_19621011_opening-council_po.html), acessado a 08-01-2015, às 11h30.

<sup>23</sup> Cf. Manuel MORUJÃO, *op. cit.*, 18.

copiosamente fecunda; por ela fomos dados à luz, alimentamo-nos com o seu leite, vivemos do seu espírito»<sup>24</sup>.

## **2.1. Rumo ao decreto *Unitatis Redintegratio***

No âmbito do Concílio Vaticano II, o decreto *Unitatis Redintegratio* sofreu várias etapas de discussão até à aprovação final do documento. A primeira sessão do Concílio teve início no dia 11 de outubro e terminou no dia 8 dezembro de 1962. Começou com uma imponente liturgia, transmitida para toda a Europa, a partir da Basílica de São Pedro, Roma, realizada em língua grega, para frisar que a língua da Igreja não é exclusivamente o Latim. Além disso, delegados e observadores de todo o mundo nele tomaram parte, alguns provenientes de países sem relações diplomáticas com a Santa Sé, das Igrejas Protestantes e dos organismos ecuménicos. No discurso de abertura, João XXIII apresenta como propósito pastoral da reunião magna a continuidade do magistério eclesiástico, tendo em conta os contextos social, religioso, político e económico, em ordem a uma responsabilização e integração de todos no trabalho ecuménico. Trata-se de um discurso otimista, imbuído de uma visão positiva da História. Diferentemente dos vinte e um Concílios Ecuménicos anteriores, e de vários Concílios Provinciais e Regionais, este encontro incide particularmente sobre a unidade de Cristo com as comunidades separadas, a busca da verdade na vida pessoal e comunitária e a consolidação da vida espiritual<sup>25</sup>.

A segunda sessão do Concílio decorreu de 29 de setembro a 4 de dezembro de 1963 e foi inaugurada pelo Papa Paulo VI com um discurso programático, como impulso e orientação da primeira sessão, muito na esteira daquele que fora proferido por João XXIII. A este

---

<sup>24</sup> CIPRIANO DE CARTAGO, *De Catholicae Ecclesiae unitate*, n.º 5 APUD JOÃO XXIII, *Discurso de sua santidade papa João XXIII na abertura solene do SS. Concílio, 11 de outubro de 1962*, in [http://www.vatican.va/holy\\_father/john\\_xxiii/speeches/1962/documents/hf\\_j-xxiii\\_spe\\_19621011\\_opening\\_council\\_po.html](http://www.vatican.va/holy_father/john_xxiii/speeches/1962/documents/hf_j-xxiii_spe_19621011_opening_council_po.html), acedido a 08-01-2015, às 11h30.

<sup>25</sup> Cf. Manuel MORUJÃO, *op. cit.*, 13.

respeito deve ser especialmente salientado que «a única força do concílio é a fé na fidelidade das promessas de Cristo»<sup>26</sup>. O discurso de Paulo VI tem três objetivos. O primeiro consiste na composição do Corpo visível e místico de Cristo, que é a Igreja peregrina na terra. Todos (presbíteros, religiosos, fiéis e irmãos separados/comunidades não-cristãs) são chamados a formar e a tomar parte deste corpo. O segundo objetivo é renovar, reformar e rejuvenescer a Igreja, a partir de uma adaptação da iniciação da fé e da pedagogia cristã e de um estudo mais assíduo e sistemático das Escrituras. O terceiro e último objetivo é a unidade. Daqui advém, nomeadamente, a saudação do Papa: «[v]emos com agrado o estudo daqueles que procuram honestamente colocar em evidência e em lugar de honra os tesouros de verdade e de vida espiritual autênticos, que os mesmos Irmãos separados possuem»<sup>27</sup>. Após a saudação, Paulo VI pediu perdão pelas faltas dos católicos, que causaram, no passado, a separação. Com este gesto, o Papa dá corpo a um ato histórico e marcante, ao afirmar que a fé, firmemente mantida pela Igreja, não é obstáculo para a união, mas princípio de unidade. A fé é a verdade do Senhor. Assim, o Papa reconhece que não é fácil cicatrizar as feridas causadas pela desunião, mas que, todavia, o diálogo é possível.

Entre a segunda e a terceira sessões, que decorreram de dezembro de 1963 a setembro de 1964, surge um importante tratado sobre o diálogo, que corresponde à encíclica *Ecclesiam Suam*, 6 de agosto de 1964, onde pode ler-se: «A Igreja deve entrar em diálogo com o mundo em que vive. A Igreja faz-se palavra, faz-se mensagem, faz-se colóquio»<sup>28</sup>. Na verdade, no mesmo documento refere:

«diálogo supõe em nós, que pretendemos iniciá-lo e continuá-lo com todos os que nos circundam, um estado de alma característico: o de quem experimenta a responsabilidade

---

<sup>26</sup> Robert ROUQUETTE, *El Concilio Vaticano II. Historia de la Iglesia*, vol. XXVIII, 291.

<sup>27</sup> PAULO VI, *Discurso de Paulo VI na solene inauguração da 2ª sessão do Concílio Vaticano II*, 29 de setembro de 1963, in [http://www.vatican.va/holy\\_father/paul\\_vi/speeches/1963/documents/hf\\_p-vi\\_spe\\_19630929\\_concilio-vaticano-ii\\_po.html](http://www.vatican.va/holy_father/paul_vi/speeches/1963/documents/hf_p-vi_spe_19630929_concilio-vaticano-ii_po.html), acessado a 08-01-2015, às 23h57.

<sup>28</sup> *Ecclesiam Suam*, n.º 38.

do mandato apostólico, vê que já não pode separar a própria salvação do trabalho pela salvação alheia, de quem se esforça por introduzir continuamente, no viver humano, a mensagem de que é depositário»<sup>29</sup>.

Especificamente acerca do esquema sobre o Ecumenismo foi aprovado na terceira sessão, a 21 de novembro de 1964, o decreto *Unitatis Redintegratio* como documento propulsor da promoção da «restauração da unidade entre todos os cristãos» (UR, 1). Com efeito, múltiplas denominações cristãs desde sempre testemunharam Jesus Cristo, mas sem professarem a unidade pedida por Ele. Daqui decorrem importantes questões: Estará Cristo dividido? Se os cristãos são um em Cristo e a Ele pertence, por que sustentam a divisão em vez de acolher o Espírito que congrega a todos na unidade da fé, esperança e caridade de um só Povo, a fim de ser um só como o Pai e o Filho (Cf. UR,2)?

Deste modo, o decreto reflete a tomada de consciência da Igreja Católica no que diz respeito à necessidade de criar um movimento que permitisse estudar, rezar, reestruturar e promover ações em prol da unidade cristã. Com efeito, «[e]ste movimento de unidade é chamado ecuménico. Participam dele os que invocam Deus Trino e confessam a Cristo como Senhor e Salvador, não só individualmente mas também reunidos em assembleias» (UR,1). São chamados todos os fiéis ao empenho no trabalho ecuménico, consequência dos sinais dos tempos. Logo, é «necessário que os fiéis católicos na empresa ecuménica se preocupem com os irmãos separados, rezando por eles, comunicando com eles sobre assuntos da Igreja» (UR 4).

Neste sentido, o documento expressa que o movimento ecuménico só obterá bons resultados quando as atitudes dos fiéis forem bem amadurecidas, o que só será possível a partir de dentro, da oração e da vontade interior de viver unidade com todos os irmãos (Cf. UR 7-8).

---

<sup>29</sup> *Ibidem*, n.º 46.

Como leitura dos “sinais dos tempos”, o decreto *UR*, apresenta uma nova perspectiva que permite uma maior aproximação e compreensão dos cristãos separados do Oriente e do Ocidente. O Padre Congar sintetiza bem os trabalhos desta sessão quando destaca o facto de se ter operado uma espécie de “revolução” de pensamento, própria de quem quer procurar uma Igreja de todos e para todos. Para muitos, a abordagem ecuménica da Igreja expressava um limite de pensamento, com o fim de que todos se voltassem para a única e verdadeira Igreja cristã, a católica<sup>30</sup>.

Por conseguinte, o decreto *UR* sobre o Ecumenismo possibilitou que o movimento ecuménico procurasse o diálogo no encontro e na reconciliação rumo à verdadeira unidade, sem ignorar o caminho que cada um fez na fé, mas aprofundando e purificando-o. Com efeito, Robert Rouquette, citando Martin Buber, refere que o diálogo «supõe um esforço por compreender o outro, uma inteligência lúcida das suas faltas, mas simpatizando com o esforço, um desejo de ajudar o outro a realizar naquilo que tem de melhor»<sup>31</sup>. Em resultado, não só a experiência de abertura da Igreja Católica às outras confissões cristãs procura fortalecer o vínculo da unidade, como a experiência das outras diferentes confissões cristãs pode ajudar os católicos a reencontrar a autenticidade.

A reflexão sobre o Ecumenismo é fruto desta abertura. Por conseguinte, propõe uma dimensão prospetiva, recusando um regresso ao passado, para não reabrir velhas feridas, a que subjaz desde logo um espírito de arrependimento dos pecados anteriormente cometidos, assumido por Paulo VI. Assim, são acentuados os âmbitos de união em detrimento dos pontos de discórdia. Por isso, valoriza-se, como instrumento de união, o que todos têm de bom, a fé que conservam no essencial. Para colmatar as lacunas e insuficiências das diferentes confissões cristãs, deve promover-se um espírito de lealdade, diálogo, colaboração prática, no

---

<sup>30</sup> Cf. Robert ROUQUETTE, *op. cit.*, 441-443.

<sup>31</sup> *Ibidem*, 373.

campo moral e social, na mútua compreensão e, numa linguagem familiar, donde brote, sobretudo, um espírito que convide à oração comum.

A *UR* é, acima de tudo, «um marco miliário de capital importância nas estradas que levam ao cumprimento da vontade expressa por Cristo»<sup>32</sup>. Assim, o Concílio Vaticano II apresenta-se ao mundo no seu intento de ser viva expressão de quem «dobra o cabo das tormentas das incompreensões, inimizades e lutas histórias entre cristãos para o cabo da boa esperança do ecumenismo»<sup>33</sup>.

No que respeita à participação das outras confissões cristãs no processo de aprovação do referido decreto, apesar de estas serem um grupo minoritário, deve ser referido que os padres orientais estiveram ativos nos debates, o que possibilitou uma maior aproximação.

Começava a emergir em força o sentido de comunhão, respeito e ação, sentimentos concretos de reconciliação e reencontros, promovidos quer entre Igrejas locais e comunidades cristãs, quer entre os chefes das diferentes confissões cristãs, em ordem à reconciliação, como exemplifica o histórico encontro, nos dias 5 e 6 de janeiro de 1964, entre o patriarca ecuménico de Constantinopla, Atenágoras, e o bispo de Roma, Paulo VI, registado através do ósculo fraterno<sup>34</sup> indicativo este desejo de reconciliação.

O Concílio Vaticano II termina com a quarta sessão, que decorreu de 14 de setembro a 8 de dezembro de 1965. No discurso final, Paulo VI salienta que uma imagem modelar da Igreja é «repleta de Pastores que professam a mesma fé, e respiram a mesma caridade; que estão unidos pela comunhão de oração, de disciplina, de entusiasmo; como isto é maravilhoso – todos desejarem uma só coisa: oferecer-se como Cristo, nosso mestre e Senhor, pela vida da Igreja e pela salvação do mundo»<sup>35</sup>. Assim sendo, neste discurso de encerramento, é

---

<sup>32</sup> Manuel MORUJÃO, *op. cit.*, 161.

<sup>33</sup> *Ibidem*, 172.

<sup>34</sup> Cf. Kurt KOCH, *O ecumenismo está sob uma boa estrela*, in <http://www.osservatoreromano.va/pt/news/o-ecumenismo-esta-sob-uma-boa-estrela>, acedido a 7-1-2015, às 21h30.

<sup>35</sup> PAULO VI, *Discurso na última sessão pública do Concílio Vaticano II*, in [http://w2.vatican.va/content/paul-vi/pt/speeches/1965/documents/hf\\_p-vi\\_spe\\_19651207\\_epilogo-concilio.html](http://w2.vatican.va/content/paul-vi/pt/speeches/1965/documents/hf_p-vi_spe_19651207_epilogo-concilio.html), acedido a 26-11-2014, às 00h17.

especificamente focada a caridade como “religião do Concílio”, na fidelidade ao Evangelho, como um dos pontos positivos embora, pese muito a lentidão de que padeceu a implementação das decisões dele saídas e conseqüente aplicação. Nesse sentido,

«o empenhamento do Concílio Ecuménico diz respeito a todos nós. Neste sentido vai também o testamento de João Paulo II que escreveu a propósito do Ecumenismo: “Que os esforços para nos aproximarmos dos nossos irmãos separados sejam prosseguidos com muita compreensão, muita paciência, com um grande amor, mas sem nos desviarmos da verdadeira doutrina católica”»<sup>36</sup>.

## **2.2. Encíclica *Ut Unum Sint***

Idêntico esforço expressa a carta encíclica *Ut Unum Sint* (*UUS*) de João Paulo II, apresentada no dia 25 de maio de 1995, como uma das principais referências do empenho ecuménico do seu ministério petrino<sup>37</sup>. Neste documento, o bispo de Roma procura recapitular e reler as linhas mestras do decreto conciliar *UR*, endereçando um renovado convite a questionar, desenvolver e testemunhar a tarefa da unidade<sup>38</sup>. Enquanto bispo de Roma, João Paulo II considera o Concílio Vaticano II como uma verdadeira lufada de ar fresco da Igreja Católica para o empenho e o compromisso irreversível no caminho ecuménico<sup>39</sup>. Assim, a Igreja Católica assume com alegria o empenho ecuménico «como imperativo da consciência cristã, iluminada pela fé e guiada pela caridade» (*UUS* 8).

Neste sentido, esta encíclica aparece como um apelo muito concreto e direto de João Paulo II à unidade dos cristãos, com a intenção de reanimar e voltar a propor “hoje” o apelo

---

<sup>36</sup> JOÃO PAULO II, *As Reflexões para o ano 2000*, 210.

<sup>37</sup> Cf. Santiago MADRIGAL, «El compromiso ecuménico de la Iglesia Católica: de “Unitatis redintegratio” a “Ut unum sint”», in *Sal Terrae*, 10 (1999) 789.

<sup>38</sup> Cf. José Eduardo Borges de PINHO, «A urgência da tarefa ecuménica. Notas para uma leitura da encíclica *Ut Unum Sint*», in *Brotéria*, 141 (1995) 454.

<sup>39</sup> Cf. José Ramón VILLAR, «El decreto conciliar sobre ecumenismo y la encíclica “Ut unum sint”», in *Scripta Theologica*, 28/1 (1996) 103.

que Cristo fez a todos: a plena unidade, à imagem da relação entre o Pai e o Filho (Cf. UUS 1). Muitos são aqueles que continuam a criar divisões entre cristãos, não permitindo nem procurando curar as «atávicas incompreensões que herdaram do passado, dos equívocos e preconceitos (...) a inércia, a indiferença e o conhecimento recíproco insuficiente» (UUS 2). Sem dúvida, a fragmentação é mais fácil e permite cada um seguir os seus próprios interesses, mas não foi este o testemunho autêntico de Cristo. Consequentemente, torna-se imprescindível que os cristãos procurem meios para pôr termo aos hiatos existentes, em ordem a converter e purificar o coração chagado pela história, sendo, portanto, capazes de orar ao Pai em ordem a um ver-de-novo os outros irmãos como tal.

Por conseguinte, no empenho ecuménico a que todos são chamados, é imprescindível buscar o amor à verdade, que «constituiu o caminho mais seguro e o meio mais eficaz para juntar os homens e vencer pouco a pouco os obstáculos mais difíceis que se cruzam no caminho da unidade: os preconceitos, as interpretações erróneas, as paixões e sensibilidades»<sup>40</sup>.

Com efeito, desde o Concílio Vaticano II se tem procurado fomentar o diálogo e o compromisso ecuménico, quer por meio de vários documentos e declarações, quer com atitudes e celebrações em prol da unidade (Cf. UUS 17). Além disso, deve destacar-se a abertura ao Espírito e a amizade.

Importa realçar ainda que esta encíclica procura assinalar e consagrar uma convicção: a urgência da tarefa ecuménica. Na verdade, João Paulo II faz do Ecumenismo uma prioridade do seu pontificado, versando este documento diretamente o Ecumenismo, à luz da experiência e dos problemas da época, a que se procura responder com o empenho e o compromisso irreversível no caminho ecuménico<sup>41</sup>.

---

<sup>40</sup> Jutta BURGGRAF, *op. cit.*, 53.

<sup>41</sup> Cf. José. Ramón VILLAR, «El decreto conciliar sobre ecumenismo y la encíclica “Ut unum sint”», in *Scripta Theologica*, 28/1 (1996) 103.

Assim, a Igreja Católica assume, com alegria, o empenho ecuménico «como imperativo da consciência cristã, iluminada pela fé e guiada pela caridade» (UUS 8), indicando a unidade que o Senhor deu à sua Igreja<sup>42</sup>.

Outra perspetiva a ter em conta, na encíclica *UUS*, é a relação e o empenho que o bispo de Roma deve ter pela unidade dos cristãos. Assim, uma das prioridades no magistério petrino de João Paulo II prende-se com a questão ecuménica<sup>43</sup>, o modo como a ação do bispo de Roma pode passar por um diálogo fraterno, de aproximação e de reconciliação, sabendo reconhecer os erros passados e pedir perdão. Ele, sempre e nos mais variados contextos, é chamado, por vontade de Cristo, a fazer do seu ministério uma renovação e uma plena concretização da unidade que a Igreja, incessantemente, é chamada. Os meios ecuménicos favorecem, indiscutivelmente, uma maior aceitação do primado de Pedro no tão diversificado mundo atual<sup>44</sup>. Deste modo, João Paulo II procura «encontrar uma forma de exercício do primado que, sem renunciar de nenhum modo ao essencial da sua missão, se abra a uma situação nova» (UUS 95).

De acordo com a encíclica, o diálogo ecuménico surge não só como caminho de um profundo “exame de consciência”, mas também como um “diálogo da conversão”, o que exige claramente um reconhecimento dos próprios erros e dos pecados cometidos contra a unidade. Note-se que este reconhecimento é fundamental, pois constitui o cerne de onde parte uma nova esperança<sup>45</sup>.

Adicionalmente, o documento põe em relevo os frutos do diálogo promovido, como a fraternidade e a solidariedade no serviço aos homens. Recordemos que o Ecumenismo busca, precisamente, fazer crescer a comunhão na verdade e na caridade (Cf. UUS 14). Por

---

<sup>42</sup> Cf. José Eduardo Borges de PINHO, «A urgência da tarefa ecuménica. Notas para uma leitura da encíclica *Ut Unum Sint*», in *Brotéria*, 41 (1995) 454.

<sup>43</sup> Cf. Santiago MADRIGAL, «Praesis ut prosis. Consideraciones en torno a la Encíclica *Ut unum sint*», in *Miscelánea Comillas*, 55 (1997) 391.

<sup>44</sup> Cf. José Ramón VILLAR, «Elementos eclesiológicos relevantes en la Encíclica “*Ut Unum Sint*”» in *Diálogo Ecuménico*, 101 (1996) 370-371.

<sup>45</sup> Cf. José Eduardo BORGES DE PINHO, «A urgência da tarefa ecuménica. Notas para uma leitura da encíclica *Ut Unum Sint*», in *Brotéria*, 141 (1995) 456.

consequente, a encíclica valoriza construtivamente os frutos do diálogo, em especial do diálogo com as Igrejas do Oriente. Na verdade, «desde a criação em 1979 da Comissão mista internacional para o diálogo teológico entre a Igreja Católica e a Igreja ortodoxa no seu conjunto (...) permitiu professar juntas como fé comum: sobre o mistério da Igreja; sobre o vínculo entre fé e sacramentos; sobre a sucessão apostólica em ordem à santificação e unidade do povo de Deus»<sup>46</sup>.

A título de exemplo, refira-se que a encíclica *UUS* substituiu a expressão “irmãos separados”, por “outros cristãos”, “outros batizados”, “cristãos de outras Comunidades”, para realçar o atual desejo de comunhão profunda, em virtude de se registrar na sociedade contemporânea uma evolução ao nível das mentalidades e uma maior abertura ao Ecumenismo (Cf. *UUS* 42).

Assim, o modelo de unidade a realizar é uma «unidade na legítima diversidade» (*UUS* 54). De resto, a plena comunhão só é alcançável por meio da legitimação da diversidade. A encíclica aponta, nesse sentido, para a urgência de dotar o seio da Igreja Católica da consciência de que a diversidade enriquece a Igreja na sua realidade vivencial e na sua capacidade de cumprir a sua missão. Logo, a comunhão é fecunda e gere fecundidade quando os dons são colocados ao serviço das diferentes confissões cristãs<sup>47</sup>. Com efeito, «a Igreja Católica, tanto na sua praxis como nos textos oficiais, sustenta que a comunhão das Igrejas particulares com a Igreja de Roma, e dos seus bispos com o bispo de Roma, é, segundo o desígnio de Deus, requisito essencial para a comunhão plena e visível» (*UUS* 97). João Paulo II sublinha desta forma a importância e a convicção da Igreja Católica de conservar «no ministério do bispo de Roma, o sinal visível e o garante da unidade» (*UUS* 88). Reconhecendo as falhas históricas e a fraqueza humana de Pedro, o Papa destaca que o

---

<sup>46</sup> Santiago MADRIGAL, «El compromiso ecuménico de la Iglesia Católica: de “Unitatis redintegratio” a “Ut unum sint”», in *Sal Terrae*, 10 (1999) 798.

<sup>47</sup> Cf. José Eduardo Borges de PINHO, «A urgência da tarefa ecuménica. Notas para uma leitura da encíclica *Ut Unum Sint*», in *Brotéria*, 141 (1995) 463.

ministério petrino «provém totalmente da graça» (UUS 91) e afirma que cabe ao bispo de Roma uma responsabilidade particular a favor da unidade (Cf. UUS 95). Por isso, convida todas as diferentes confissões cristãs a um diálogo fraterno:

«Não será possível que a comunhão real, embora imperfeita, que existe entre todos nós, não poderia induzir os responsáveis eclesiais e os teólogos a instaurarem comigo, sobre este argumento, um diálogo fraterno, paciente, no qual nos pudéssemos ouvir, pondo de lado estéreis polémicas, tendo em mente apenas a vontade de Cristo para a sua Igreja, deixando-nos penetrar do seu grito: Que todos sejam um (...), para que o mundo creia que Tu Me enviaste» (UUS 96).

Parece que o Ecumenismo, surgido no âmbito da reflexão promovida pelo Concílio Vaticano II, tem nos seus variados resultados, uma das demonstrações mais visíveis da sua validade e indispensabilidade para o futuro da compreensão da fé e do testemunho das diferentes confissões cristãs<sup>48</sup>.

É grande o apelo à unidade que brotou desde o Concílio e que hoje, de forma convicta, reclama permanência e continuidade. Um caminho exigente que impõe grande responsabilidade e respeito para que, sem indesejados confrontos, todos possam ter Cristo como princípio.

Como tal, esta reflexão ficaria incompleta se fosse explorada, apenas, no âmbito teórico e especulativo. Toda a realidade teológica fecunda encarna e assume a vida dos homens e, como tal, torna-se agora pertinente perceber se estes, nas suas mais variadas formas, se comprometem, ou não, em estabelecer pontes de diálogo e comunicação para que, acima de tudo, a fraternidade que os une seja a marca distintiva da sua espiritualidade.

---

<sup>48</sup> Cf. José Eduardo Borges de PINHO, «Igrejas cristãs e diálogo ecuménico» in *Memória*, I (1994) 162.

### 3. Caminhos de diálogo, uma história de amizades em Guimarães

Verifica-se, deste modo, que, após o Concílio Vaticano II, surgem novas tendências de aproximação espiritual que determinam a relação entre a Igreja Católica e os demais grupos cristãos existentes em Portugal. Nesta época, tem início uma mudança de atitude de um «discurso crispado [para] um maior sentido de autocrítica e abertura ao *outro*»<sup>49</sup>. Um bom exemplo deste caminho percorrido é a experiência vivida na cidade de Guimarães.

Tendo em conta a realidade portuguesa na região norte, grande parte da população diz-se crente e professa a religião cristã católica, nomeadamente a região do Ave apresenta um total de 398 719 católicos<sup>50</sup>. A partir do estudo “*Identidades religiosas em Portugal: representações, valores e práticas*”, de Alfredo Teixeira<sup>51</sup>, verificou-se que a percentagem de católicos no norte de Portugal continental é de 89,5%. Nesta região existe uma expressão muito residual de outras confissões religiosas, como comprova a percentagem de 0,8% dos protestantes, a qual inclui já os evangélicos e a de 0,5% relativa aos outros cristãos. A estas acresce, ainda, as Testemunhas de Jeová com apenas 0,9%<sup>52</sup>.

Só na cidade de Guimarães<sup>53</sup>, os católicos estão agrupados em cinco comunidades paroquiais<sup>54</sup>.

---

<sup>49</sup> Luís Aguiar SANTOS, «Condicionantes na configuração do campo religioso português» in *História Religiosa de Portugal*, Circulo de Leitores, 3 (2012) 471.

<sup>50</sup> Cf. INSTITUTO NACIONAL DE ESTATÍSTICA in [http://censos.ine.pt/xportal/xmain?xpid=CENSOS&xpgid=ine\\_censospublicacao\\_det&menuBOUI=13707294&contexto=pu&PUBLICACOESpub\\_boui=377623&PUBLICACOESmodo=2&selTab=tab1](http://censos.ine.pt/xportal/xmain?xpid=CENSOS&xpgid=ine_censospublicacao_det&menuBOUI=13707294&contexto=pu&PUBLICACOESpub_boui=377623&PUBLICACOESmodo=2&selTab=tab1), acedido a 05-03-2015, às 21h30.

<sup>51</sup> Cf. Alfredo TEIXEIRA, *Catolicismo e "outras identidades religiosas em Portugal": coordenador do estudo propõe interpretação dos resultados*, in [http://www.snpcultura.org/catolicismo\\_e\\_outras\\_identidades\\_religiosas\\_em\\_portugal\\_interpreta%C3%A7%C3%A3o.html](http://www.snpcultura.org/catolicismo_e_outras_identidades_religiosas_em_portugal_interpreta%C3%A7%C3%A3o.html), acedido a 18-03-2015, às 17h10.

<sup>52</sup> Cf. SECRETARIADO NACIONAL DA PASTORAL DA CULTURA, *Catolicismo e outras "Identidades religiosas em Portugal": todos os resultados do estudo da Universidade Católica*, in [http://www.snpcultura.org/catolicismo\\_e\\_outras\\_identidades\\_religiosas\\_em\\_portugal.html](http://www.snpcultura.org/catolicismo_e_outras_identidades_religiosas_em_portugal.html), acedido a 18-03-2015, às 17h30.

<sup>53</sup> A cidade de Guimarães situa-se na região norte de Portugal, pertence ao distrito de Braga e à sub-região do Ave. Estende-se por uma área de 240,955 Km<sup>2</sup> e apresenta um total população residente de 158.124 habitantes, in CÂMARA MUNICIPAL DE GUIMARÃES, <http://www.cm-guimaraes.pt/pages/1058>, acedido a 05-03-2015, às 21h00. Estes habitantes estão distribuídos por 31 freguesias e 17 uniões de freguesias, a partir da reorganização administrativa das freguesias, mas conservam a sua identidade histórica, cultural e social, conforme estabelece a Lei n.º 22/2012, de 30 de maio.

### **3.1. Uma diversidade de famílias religiosas**

Sendo importante perceber qual a realidade social e eclesial em que estas comunidades religiosas estão inseridas, torna-se fecundo colher alguns dados das paróquias que compõem a cidade de Guimarães, de acordo com o que foi possível apurar nas entrevistas realizadas. Neste sentido, a paróquia de São Dâmaso, situada no centro histórico da mesma cidade, pertencente à freguesia Oliveira do Castelo, é constituída por uma população maioritariamente envelhecida, também é marcada por uma elevada percentagem de mobilidade humana, o que não lhe permite a funcionalidade normal, nomeadamente no que diz respeito aos diferentes ministérios litúrgicos. Contudo, ainda existem muitas pessoas que voltam ao seio da comunidade para pedir e celebrar os sacramentos. Relativamente aos movimentos associados à paróquia, além do Agrupamento de escuteiros 331, existe a Legião de Maria, o Renovamento Carismático e o Grupo de Narcóticos Anónimos.

A paróquia Nossa Senhora da Oliveira, também se encontra inserida na freguesia de Oliveira do Castelo e apresenta, como a anterior, um elevado índice de mobilidade populacional. Deste modo, a assembleia de fiéis que frequenta o culto é variada e, na sua maioria, idosa. Têm grande impacto religioso e civil as manifestações de piedade popular, tais como as festividades marianas e a Solenidade SS. Corpo e Sangue de Cristo. Além da irmandade e das confrarias, a paróquia conta, ainda, diversos grupos e movimentos como o “Grupo JOB”, grupo juvenil que dinamiza a Pastoral Juvenil de Guimarães e participa em encontros ecuménicos, nomeadamente na comunidade ecuménica em Taizé, grupos de catequese e uma multiplicidade de movimentos, desde a Legião de Maria, os Cursos de Cristandade, a Opus Dei, a Ação Católica Independente, entre outros.

---

<sup>54</sup> Depois de contactar cada pároco, via telefónica, procedeu-se à marcação da entrevista. Assim, a primeira comunidade paroquial visitada, foi a paróquia de São Dâmaso, no dia 16 de abril de 2015, às 17h30. Em seguida, foi entrevistado o pároco da paróquia de Nossa Senhora da Oliveira, no dia 20 de abril de 2015, às 10h45. No dia 22 do mesmo mês e ano, às 17h, foi a vez da paróquia de Nossa Senhora da Conceição. Por fim, foi entrevistado o pároco São Paio e São Sebastião no dia 19 de maio de 2015, às 18h15.

A paróquia Senhora da Conceição, pertencente à freguesia de Azurém, é uma comunidade relativamente recente, criada em 1981, pelo Sr. D. Eurico Dias Nogueira, arcebispo de Braga, caracterizada por uma população maioritariamente oriunda das periferias sociais. Segundo o pároco, a razão da sua fundação deveu-se à preocupação pelos carenciados, nomeadamente pelos ciganos, para que pudessem ser assistidos humana, social e espiritualmente. Assim, foi criado um centro social com quatro valências: creche e jardim-de-infância, atividades de ocupação de tempos livres (*ATL*) e centro de dia. Salienta-se, ainda, que muitos cristãos católicos começaram a aproximar-se desta comunidade paroquial através da catequese e do apoio social. Quanto aos movimentos, existe o Renovamento carismático, o grupo da Liga Intensificadora de Ação Missionária e o Agrupamento de escuteiros 814. A paróquia conta ainda com um grupo de jovens que tem participado em encontros de oração, segundo o espírito de Taizé.

As paróquias de São Paio e São Sebastião formam uma Unidade Pastoral, inseridas no agrupamento de freguesias de Oliveira do Castelo, São Paio e São Sebastião. Segundo o pároco, o tipo de pastoral desenvolvido é muitas vezes determinado «pela grande dispersão dos fiéis e pela “crise” de valores que domina as pessoas, que procuram uma pastoral do consumo e do não compromisso». A paróquia conta com ação social da *Conferência Vicentina* e do Patronato de São Sebastião, para além destas instituições, existem grupos de âmbito mais pastoral como a *Legião de Maria*, diversos grupos de oração, grupos da catequese, aos quais acresce uma pastoral juvenil bem desenvolvida, aberta à dimensão ecuménica (organização de encontros de oração mensal ao estilo da comunidade ecuménica de Taizé aberta à cidade de Guimarães, acolheram um dos irmãos da comunidade de Taizé, e participam anualmente nas peregrinações a Taizé, acompanhados pelo pároco e ainda estabelecem contactos com a Igreja Evangélica).

Apresentadas as comunidades paroquiais do centro da cidade de Guimarães, como referido a partir das informações cedidas nas entrevistas realizadas aos responsáveis das mesmas, caracterizamos as restantes comunidades não católicas<sup>55</sup> existentes na cidade em estudo, que serão apresentadas segunda a sequência cronológica das entrevistas.

Relativamente à Igreja Universal do Reino de Deus (IURD/Centro de Ajuda)<sup>56</sup> e à Congregação Cristã em Portugal<sup>57</sup>, igualmente existentes na cidade de Guimarães, deve referir-se que, apesar de contactados, os responsáveis nunca demonstraram disponibilidade para responder às questões apresentadas no guião de entrevista.

A Igreja Evangélica está ligada à Assembleia dos Irmãos e é uma comunidade autónoma que surge em Guimarães em 1984, pela via da ação missionária do professor americano Bill Wooten. Esta comunidade é constituída por trinta membros batizados que frequentam com regularidade o culto: a oração, a leitura, o estudo e ainda a pregação da Sagrada Escritura. Além disso, uma vez por mês celebram a Ceia do Senhor. Relativamente a movimentos associados, existe o Grupo Bíblico Universitário (*GBU*) e o grupo juvenil de

---

<sup>55</sup> O primeiro contacto, pessoal e informal, foi com o pastor da Igreja Evangélica na sua residência. Mais tarde, o mesmo disponibilizou-se para realizar a entrevista, no dia 4 de novembro de 2014, às 14h30 na igreja Evangélica. Todas as outras Igrejas não católicas foram contactadas pessoalmente, numa atitude de conhecer o lugar e o responsável de cada Igreja. Encetados os primeiros contactos, procedeu-se, tal como com os párocos responsáveis das comunidades católicas, à marcação, mediante a disponibilidade, da entrevista. Assim, o pastor da Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias concedeu entrevista no dia 4 de novembro de 2014, às 21h40. Esta entrevista contou com a presença de um membro da comunidade Mórmon. De seguida, foi a Igreja Adventista do 7.º Dia. Esta teve início com a pastora da Igreja em Guimarães, mas quem deu continuidade foi o pastor de Braga, no dia 17 de novembro de 2014, às 17h. O terceiro a responder às perguntas colocadas foi o pastor das Testemunhas de Jeová, no “Salão do Reino”, dia 29 de novembro de 2014, às 10h10. Esta também contou com a presença de um dos membros. A entrevista seguinte foi realizada ao pastor da Igreja Cristianismo Vivo, no dia 6 de dezembro de 2014, às 10h40. Ao contrário do que aconteceu com as outras Igrejas, a entrevista à Igreja Evangélica Baptista foi realizada a um casal responsável, uma vez que neste período temporal estavam sem pastor, e decorreu no dia 22 de dezembro de 2014, às 14h 15. Atualmente, esta Igreja já tem pastor missionário do Brasil. O pastor da Igreja Evangélica Assembleia de Deus Ebenézer – Ministério Santo André São Paulo apresentou disponibilidade para entrevista no dia 4 de janeiro de 2015, às 15h35. Por último, foi entrevistada a Igreja Evangélica Assembleia de Deus, embora, depois de alguma insistência, a entrevista tenha sido concedida via correio eletrónico, no dia 27 de maio de 2015, às 17h.

<sup>56</sup> Encetados os primeiros contactos com o pastor responsável pela IURD em Guimarães, este escusou-se a responder às perguntas colocadas, tendo solicitado o envio do guião de entrevista por *email* para análise, elaboração de eventuais respostas e envio, o que até ao momento não se verificou. Ao invés, o pastor envidou todos os esforços para que enveredasse por esta igreja, convidando, por várias vezes, a participar no culto.

<sup>57</sup> Foi possível contactar com dois dos responsáveis pela Congregação Cristã em Portugal de Guimarães, que demonstraram bom acolhimento, mas preferiram convidar para o culto em vez de responder às questões colocadas. De alguma forma, ambos consideraram que tal era suficiente para conhecer esta igreja, não atendendo às especificidades e requisitos do presente trabalho de investigação.

estudantes do ensino secundário. Há a salientar que o pastor desta Igreja tem estabelecido contactos frequentes com diversas comunidades católicas e com igrejas protestantes, nomeadamente a Igreja Evangélica Baptista. Além disso, este pastor frequentou a Universidade Católica.

A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias (Mórmons) está presente na cidade de Guimarães desde o dia 16 de Setembro de 1982. Pertencem aos Mórmons 280 membros batizados, porém só 40 estão comprometidos com a comunidade. Reúnem-se durante a semana e ao domingo para o estudo do Evangelho e a reunião sacramental. Procuram, ainda, encontrar-se em casa dos membros para estreitarem laços com a família. Existe, também, duas vezes por ano, conferências gerais, proferidas pelos líderes internacionais transmitidas por videoconferência. No âmbito dos movimentos associados destaca-se o Centro de Jovens Adultos Solteiros.

A Igreja Adventista do 7º Dia nasceu em 1844 na cidade de Guimarães. Segundo o seu responsável, foi uma das primeiras Igrejas Protestantes a aparecer nesta cidade, graças à cooperação da «Igreja de São Mateus e ao Pastor José que favoreceram a evangelização na cidade de Guimarães». Além disso, especial ênfase é dado às publicações divulgadas da coleção “*O Nosso Amiguinho*”, a qual permitiu que famílias e jovens da cidade contactassem de perto com a pessoa de Jesus Cristo. Esta Igreja é uma congregação que, embora autónoma, pertence diretamente à Igreja Adventista do 7º Dia de Braga. Em Guimarães fazem parte dela aproximadamente 36 membros batizados. Estes reúnem-se ao sábado, dia em que frequentam a escola sabatina e esclarecem dúvidas acerca dos temas bíblicos em estudo. No mesmo dia, realizam o culto solene composto por sermão e música, em virtude de decorrer “dentro para fora e não de fora para dentro”. Além do sábado, reúnem-se à quarta-feira para escutar a Palavra, refletir e apresentar diante de Deus pedidos e agradecimentos. Uma vez por trimestre é celebrada a Santa ceia, com o gesto do lava-pés, símbolo de humildade e purificação. Por

fim, têm ao domingo o culto, voltado especificamente para todos aqueles que ainda não são membros e tencionem conhecer melhor os princípios da Igreja, bem como para todas as pessoas que possam ter relações de amizade com membros ou outros visitantes. Dos movimentos associados, sublinha-se a Juventude Adventista, hospitais e clínicas e ainda uma linha gratuita de atendimento a famílias. Esta Igreja, inicialmente, mostrou-se favorável a um contacto amigável com um grupo de cristãos católicos da cidade.

A denominação Testemunhas de Jeová advém do facto de serem mensageiros do Senhor Jeová. Na cidade de Guimarães, são 240 os membros batizados, encontrando-se 60 ainda no caminho de «preparação de consagração para o batismo». Reúnem-se no salão do Reino duas vezes por semana para o estudo da Bíblia e oração espontânea, mas a sua principal missão é a pregação porta-a-porta, por correio eletrónico e telefone.

A Igreja do Cristianismo Vivo nasceu no ano de 2005, na cidade de Guimarães. Congrega 60 membros batizados e cerca de 10 participantes regulares. Os membros reúnem-se quatro vezes por semana, de terça a quinta-feira e ao domingo, para a oração, o estudo e o culto familiar. Celebram a ceia uma vez por mês e não têm movimentos associados.

A Igreja Evangélica Baptista surge na mesma cidade como fruto da “evangelização” da Igreja Baptista em Braga, desde 1976, pelo pastor Bonfim, missionário proveniente do Brasil. No entanto, só em 1989 foi oficializada. Durante este período, alguns membros que viviam em Guimarães encontravam-se nas suas casas para orar, ler e estudar a Palavra. Esta Igreja conta com 30 batizados e cerca de 10 neófitos que se reúnem ao domingo e à terça-feira para orar, estudar passagens da Sagrada Escritura e participar no culto. Têm ainda momentos de confraternização e ações de “evangelização”, através da distribuição de folhetos e atividades ao ar livre. Esta Igreja está em permanente articulação com o organismo evangélico associado ao Ensino de Educação Moral e Religiosa Evangélica (*COMACEP*), aos atletas de Cristo, ao *GBU* e colabora nos encontros de Casais com Cristo e no movimento “Casados Para Sempre”.

Relativamente à dimensão ecuménica, esta Igreja acolheu alguns católicos da cidade no seu culto e participou em algumas orações ecuménicas, na semana pela unidade dos cristãos. Porém, permanece com resistências à aproximação das diversas confissões.

A Igreja Evangélica Assembleia de Deus Ebenézer – Ministério Santo André São Paulo, encontra-se em Guimarães desde 2011, estando unicamente representada no norte de Portugal. É das igrejas não católicas com menos membros pois são apenas 5 e não batizados. O culto, centrado na pregação da Palavra e oração, é realizado à sexta-feira e domingo.

A Igreja Evangélica Assembleia de Deus começou com uma série de encontros de algumas famílias em casas particulares e em 1995 oficializou-se, tendo nessa altura passado para um edifício público. Pertencem a esta Igreja 50 batizados. As suas reuniões de culto, oração e partilha têm lugar à quinta-feira e ao domingo.

### **3.2. Uma peregrinação de confiança em Guimarães**

Após a enunciação e caracterização breve de cada uma das comunidades que constituem as famílias religiosas presentes na cidade Berço abordamos, em seguida, o caminho que as mesmas têm percorrido no tocante à questão ecuménica.

A iniciativa do caminho de aproximação entre as diversas confissões cristãs na referida cidade partiu de membros da Igreja Católica local, na década de 70 do século XX. Neste sentido, encontramos duas pessoas que se tornaram fundamentais para o despontar do Ecumenismo nesta cidade e que, por isso, se consideram informadores privilegiados<sup>58</sup>, sendo eles o Padre Miguel Ângelo Gomes<sup>59</sup> e a Dr.<sup>a</sup> Alzira Fernandes<sup>60</sup>.

---

<sup>58</sup> A informação apresentada relativamente a estes dois informadores resultou de alguns encontros informais.

<sup>59</sup> O Pe. Miguel Ângelo Gomes iniciou o seu percurso académico em Braga e aprofundou os seus estudos em Madrid, no Instituto de Pastoral de Madrid da Universidade Pontifícia de Salamanca, entre 1965 e 66, o que coincide com o encerramento do Concílio Vaticano II.

<sup>60</sup> A Dr.<sup>a</sup> Alzira Fernandes começou a sua formação académica na Faculdade de Letras do Porto, na licenciatura em Línguas e literaturas modernas (Inglês e Alemão). Seguidamente, licenciou-se em Ciências Religiosas na

Em Janeiro de 1968, o primeiro tomou conhecimento da comunidade ecuménica de Taizé, através da revista “*club21*”. Professor de Religião e Moral na Escola do Magistério Primário de Braga, a partir daquela data passou a dedicar pelo menos uma ou duas aulas à temática do Ecumenismo, nomeadamente no que se refere à comunidade de Taizé.

Posteriormente, entre 1971 e 1974, em Paris, teve a oportunidade de aprofundar a temática do ecumenismo, pois no Instituto Católico de Paris que frequentava, existia grande abertura ao Movimento Ecuménico. Nessa instituição, frequentou uma cadeira de teologia Protestante e outras similares, além de uma cadeira de exegese bíblica, esta a cargo do Professor Óscar Cullman. Mas a sua experiência ecuménica não se cingiu somente à dimensão formativa, pautando-se também pela criação pessoal de laços de amizade com líderes de outras confissões cristãs, tais como a Igreja Ortodoxa e a Igreja da Reforma.

Em 1972, teve o seu primeiro contacto pessoal com a comunidade de Taizé, na companhia de estudantes da pastoral universitária de Paris e de alguns presbíteros. Mais tarde, participou naquela cidade em encontros de oração ecuménica, igualmente organizados pela comunidade de Taizé.

Nesse seguimento, a partir de janeiro de 1976, na cidade de Guimarães, procurou sensibilizar os seus primeiros alunos da aula de Religião Moral Católica no Liceu Nacional de Guimarães, hoje Escola Secundária Martins Sarmiento, para o diálogo ecuménico, tendo como referência precisamente a comunidade de Taizé. Mais tarde, na Páscoa de 1997, organizou a sua primeira viagem à colina de Taizé, a qual contou com a participação de cerca de 50 alunos vimaranenses e alguns professores. Esta peregrinação foi preparada desde o início do ano letivo, momento em que fora elaborada e projetada uma apresentação audiovisual sobre Taizé, a que se seguiram vários momentos de oração com cânticos de Taizé, de forma a sensibilizar

---

Faculdade de Teologia de Braga e, posteriormente, fez, na mesma faculdade, um mestrado sobre a Relação Igreja Mundo.

pais e professores para a viagem dos seus educandos e, igualmente, de forma a todos poderem conhecer mais profundamente o projeto e o movimento ecuménico internacional.

Entre Janeiro de 1995 e Dezembro de 2001, ficou responsável pela capelania da Igreja da Misericórdia e, sempre que a oportunidade surgia, sobretudo na semana pela unidade dos cristãos, sensibilizava os fiéis católicos para as questões de natureza ecuménica, bem como para a participação na oração semanal segundo o espírito de Taizé, nesse mesmo local.

O caminho ecuménico aberto por este mentor continua até aos dias de hoje. Foi criada, com a Juventude Estudantil Católica, uma “dinâmica de Taizé”, com reuniões semanais para o grupo dos alunos mais velhos, apoiada nas cartas daquela comunidade ecuménica, o que cativou vários alunos e jovens trabalhadores vimaranenses, que participaram anualmente em encontros internacionais de Taizé em várias cidades europeias, com o nome – uma peregrinação de confiança sobre a terra<sup>61</sup>. Note-se que no primeiro destes encontros internacionais, que teve lugar em Paris, em 1978, participaram jovens de Guimarães.

Deve realçar-se, ainda, um encontro organizado para os jovens pertencentes a diversos movimentos de vários pontos do norte, no Seminário do Verbo Divino em Guimarães, entre os dias 23 e 27 de julho de 1979, que contou com a presença de uma jovem francesa, voluntária em Taizé. Outro marco importante, não só para todos aqueles que participaram nesta peregrinação de confiança sobre a terra com a comunidade de Taizé mas, também, para a Igreja em Portugal, foi a vinda do prior da comunidade ecuménica de Taizé, Roger Schütz, a Lisboa. A ida de vimaranenses a este encontro foi preparada com a colaboração de um dos irmãos da comunidade de Taizé. No âmbito dessa preparação, decorreram encontros com os bispos de Braga, Viana do Castelo, Porto e Lisboa, tendo sido o ponto alto deste encontro, a oração no Mosteiro dos Jerónimos, onde esteve presente um numeroso grupo da cidade de Guimarães. Durante algum tempo, existiu uma troca de correspondência entre jovens

---

<sup>61</sup> Cf. AA.VV., *Um pèleringe de confiance sur la terre*, 14.

vimaranenses e o Irmão Roger. Numa das “Jornadas da Penha”, um encontro de fim-de-semana de alunos de Religião Moral e Católica (*RMC*), cujo tema era “a unidade”, os participantes receberam um telegrama do Irmão Roger Schütz onde se manifestava a sua comunhão espiritual.

Posteriormente, esta dinâmica ficou a cargo da Dr.<sup>a</sup> Alzira Fernandes, que foi estreitando laços com outras confissões cristãs da mesma cidade. Nesse sentido, podemos considerá-la “porta-voz” do Ecumenismo em Guimarães, pela dedicação e trabalho que permitiram abrir novos horizontes no diálogo e cooperação entre não católicos. Ainda aluna, teve a possibilidade de desenvolver um espírito ecuménico nas aulas de *RMC* que frequentou com o padre Miguel Ângelo Gomes e no grupo de jovens universitários. A partir de 1979, passa a participar na peregrinação de confiança sobre a terra (nos encontros internacionais de Taizé): primeiro em Barcelona, depois em Roma, Paris e, finalmente, pode visitar a comunidade ecuménica de Taizé no local onde foi fundada pelo Irmão Roger. Como professora de *RMC*, deu continuidade ao trabalho de sensibilização para o diálogo ecuménico, preparando todas as semanas com os jovens uma oração ao estilo de Taizé na Igreja da Misericórdia em Guimarães.

De 1985 a 1987, vai como voluntária para Taizé, onde permaneceu dois anos. Aí pôde vivenciar uma verdadeira experiência ecuménica, colaborando no acolhimento e em diversos trabalhos com outros jovens de diferentes confissões cristãs e de diferentes continentes. Além disso, empreendeu viagens ao norte de França, ao Sul de Espanha e a Paris, onde pôde visitar paróquias, comunidades e famílias católicas e protestantes. Estas experiências foram profundamente marcantes pelas visitas mútuas, pela partilha e pelo acolhimento plural, permitindo-lhe considerar que o verdadeiro Ecumenismo, tem como base o encontro de amizade entre pessoas que partilham a mesma fé em Cristo.

De regresso a Guimarães, entre 1990 e 1991, retoma os encontros e a oração na Igreja da Misericórdia e depois na Igreja de São Sebastião, com os alunos, alguns pertencentes ao *Movimento Católico de Estudantes* e outros jovens da paróquia de São Sebastião e organiza uma ida a Taizé com os alunos da Escola Martins Sarmiento.

Em 1996, funda a Casa de Sicar<sup>62</sup>, como espaço de encontro e reconciliação. Nesse sentido, abre-se a um acolhimento ecuménico local e internacional. Primeiramente, a Fundação teve contacto com duas confissões locais: a Igreja Adventista do 7ºDia e a Igreja Evangélica Baptista, no sentido de estabelecer relações de cordialidade e amizade. É organizada uma primeira oração a 20 de Janeiro de 2001, com o título “Caminhos de Reconciliação”. Posteriormente foi contactada a Igreja Evangélica que aderiu à iniciativa. Entretanto, o seu alcance alargou-se, pelo que devem assinalar-se outros contactos, nomeadamente com a Igreja Luterana de Ponte de Lima, a Igreja Metodista de Braga e a paróquia de Valdosende, do Gerês, os irmãos da comunidade de Taizé, além de cristãos ortodoxos do patriarcado de Kiev e cristãos de diversas confissões protestantes dos vários países da Europa.

Assim sendo, na Casa de Sicar o Ecumenismo não consiste numa busca doutrinal teológica comum entre as diferentes confissões cristãs, mas é sobretudo baseado nos laços de amizade, no encontro fraterno, no respeito e enriquecimento mútuos. Esta experiência confirma o que Jutta Burggraf escreve: «o ecumenismo não é, em primeiro lugar, uma questão de doutrina teológica nem de colaboração pastoral, mas de oração e caridade»<sup>63</sup>. Pode dizer-se que uma tal perspectiva de Ecumenismo abre brechas em tantos muros criados pelo passado.

---

<sup>62</sup> A Casa de Sicar está situada na freguesia de Matamá em Guimarães. A infraestrutura pertencente à fundação com mesmo nome, constituída em pessoa jurídica canónica privada e aprovada pelo Sr. D. Jorge Ortiga, Arcebispo de Braga. Tem como referência primordial o encontro de Jesus com a Samaritana, em Sicar, junto ao poço de Jacob (Jo4,1.42) e «nasceu da necessidade de se criar, no seio da Igreja, espaços vivos de reconciliação, de paz, de comunhão fraterna e de esperança» (Estatutos). Tem como objetivos o acolhimento plural e proporcionar um espaço de interioridade e de criatividade.

<sup>63</sup> Jutta BURGGRAF, *op. cit.*, 279.

No seguimento destes encontros, outras iniciativas de âmbito mais alargado foram realizadas. Entre essas avulta a parceria entre a Igreja Católica local, com a colaboração da Pastoral Juvenil do arceprelado, e a Igreja Evangélica criaram o Projeto Metamorfose 2012, no decorrer da Capital Europeia de Cultura 2012, em Guimarães. Este projeto apresenta quatro eixos de intervenção: Expressão, Diálogo, Lazer e Formação. Para cada eixo, foram definidas ações que envolveram os vários intervenientes que quiseram fazer parte do projeto pela identidade cristã comum e pelo desejo de dar a conhecer a cultura cristã patente no meio, para o que se serviram das suas convicções e valores. Esta ação visou toda a sociedade vimaranense, tendo um especial enfoque os jovens, ao pretender potenciar um ambiente próprio para uma Metamorfose, no sentido evangélico do conceito (Cf. Rm 12,2), que implica uma transformação profunda da pessoa humana. Deste modo, após uma série de reuniões, de debate de ideias e partilha de experiências entre cristãos evangélicos e católicos, deu-se forma ao projeto Metamorfose através de uma agenda cultural de eventos. O eixo de Expressão gira em torno da criação artística – a arte como meio de comunicação e, deste modo, de comunicação da Boa Nova aos Homens. Ao abrigo deste eixo realizaram-se duas ações: uma envolvendo a dimensão espiritual patente na literatura; a outra correspondeu à realização de residências artísticas, onde é explorado o sentido do Belo em relação com o Divino. O eixo de Diálogo envolveu momentos que expressaram a relação entre Fé e Cultura, promovendo um espaço de reflexão e debate. O eixo de Lazer abraçou a alegria e o dinamismo próprios dos jovens, promovendo atividades, como “Guimarães a Cantar”. O eixo de Formação propôs-se a promover o crescimento pessoal e espiritual, impulsionando o desenvolvimento holístico da Pessoa, através de várias ações de formação, entre os quais o curso Alpha. Na sua primeira fase, 4 pessoas da Igreja Evangélica e 4 católicos frequentaram as 15 sessões do Curso em 2011. Em 2012, o mesmo curso abriu para 15 participantes, nas instalações do Seminário do

Verbo Divino, na cidade em estudo, no que constituiu um interessante percurso para a chamada “Nova evangelização”<sup>64</sup>.

Outra atividade interessante salientada na entrevista com o pastor da Igreja Evangélica foi os jantares de amizade promovidos, por eles, onde católicos e evangélicos se sentaram à mesma mesa e puderam disfrutar da mesma alegria comum. E ainda, a celebração no dia do Pentecostes, a 8 de junho de 2014, no *CAVIM*, que permitiu a todos os participantes um conhecimento profícuo e cooperação em causas sociais.

### **3.3. Vários olhares, diferentes linguagens**

Apresentada a caracterização da diversidade das famílias religiosas e os primeiros passos da peregrinação de confiança ecuménica desenvolvida na cidade de Guimarães, podemos inferir que existem pessoas que não sabem o que é o Ecumenismo, nem pretendem tomar parte do caminho ecuménico; outras não concordam com o Ecumenismo das estruturas, ou doutrinal, mas que, ainda assim, não fecham a porta aos encontros de oração pela unidade, pela paz e pela humanidade e suas necessidades; e outros ainda são autênticos peregrinos de reconciliação e de paz. A isto corresponde, claramente, uma vontade de caminhar para uma comunhão crescente tocando vários setores da vida, desde a dimensão espiritual à social e comunitária. Católicos e não católicos trabalham em conjunto em projetos associados ao bem comum.

Na verdade, encontra-se na cidade de Guimarães confissões religiosas que, aceitando o convite inicial de um grupo de cristãos pertencentes à Igreja Católica para dialogar e orar, continuam empenhados quer na preparação e participação anual da Semana de Oração pela

---

<sup>64</sup> Informação concedida numa conversa informal com o sacerdote católico responsável pela Pastoral Juvenil do arciprestado Guimarães e Vizela, onde é também vice-arcipreste. Também o pastor da Igreja Evangélica assinalou como positiva a sua participação neste projeto na entrevista realizada.

Unidade dos Cristãos, quer noutra tipo de iniciativas abertas à comunidade cristã, fruto de um caminho comum de fraternidade. Neste seguimento, merece particular destaque, a Igreja Evangélica pela sua ação e testemunho de não se fechar em si própria. Pelo contrário, a partir do convite da Igreja Católica local, esta igreja tem proporcionado outros encontros, não só com a comunidade católica mas abrindo horizontes aos demais, desafiando as várias famílias religiosas de Guimarães a orar e confraternizar. Neste seguimento, não só têm estabelecido ligações com a Igreja Evangélica Baptista, onde ensinam e pregam a Palavra de Deus, como procuram dialogar com a Igreja de Jesus Cristo e dos Santos dos Últimos Dias e a Igreja Testemunhas de Jeová. Além disso, a Igreja Evangélica tem estabelecido contacto frequente com alguns membros da Igreja Católica local, sacerdotes e fiéis leigos. Saliente-se que, por mais do que uma vez, participou em celebrações católicas na cidade. Um exemplo foi a participação de um representante evangélico ter proclamado a Palavra de Deus (segunda leitura), na Eucaristia; um outro exemplo foi a partilha da Palavra de Deus, previamente convidado pelo sacerdote responsável pela capelania da Basílica de São Pedro, em Guimarães. A comunidade presente foi previamente informada de quem iria proferir a “homilia” e, no final da missa, foi grande o número de fiéis que quis saudar o pastor protestante evangélico pela partilha da palavra. Uma atividade de encontro, partilha de vida e de credo que a paróquia irá ter continuidade futuramente. Esta colaboração de ambas as Igrejas ocorre, além do mais, no Serviço de Assistência Espiritual e Religiosa (SAER) no Hospital Nossa Senhora da Oliveira, em Guimarães, nomeadamente na visita aos doentes internados, no serviço voluntário, entre outros<sup>65</sup>.

De facto, a Igreja Evangélica é uma das Igrejas não católicas que mais se empenha por criar pontes com as restantes famílias da cidade, não só com os católicos, como já se frisou na participação do curso *Alpha*, como em orações ao estilo de Taizé e concertos oração

---

<sup>65</sup> Informação recolhida num encontro informal com o sacerdote responsável pela capelania da Basílica de São Pedro, Toural, Guimarães e pelo SAER.

orientados por um grupo católico. Mas também por sua própria iniciativa, organizou em dia de Pentecostes, uma oração com as diferentes confissões da cidade, ficando cada uma responsável por dinamizar um momento da celebração.

Relativamente ao Ecumenismo, as demais confissões não o consideram um “projeto” capaz de congregar a todos. Na verdade, a origem desta negação fundamenta-se na doutrina, pois nem todos entendem o Ecumenismo como meio para o diálogo e a reconciliação, acreditando que alguém terá sempre de prescindir, em certa medida, daquilo em que acredita e professa.

No caso da Igreja Adventista do 7º Dia, já esteve mais próxima do diálogo e da cooperação pela unidade, nomeadamente quando participou na realização de encontros de oração ecuménica, “Caminhos de Reconciliação”, em conjunto com a Casa de Sicar. Hoje, não reconhece aqueles encontros como promotores da unidade ecuménica, mas encaram-nos simplesmente como momentos de oração entre amigos, ficando um sentimento de respeito por todos os participantes. Embora não se oponham a um futuro trabalho pelo bem comum, desviam-se de qualquer caminho rumo ao Ecumenismo. De igual modo, apresentou-se-nos a Igreja Evangélica Baptista, que continua a não cooperar no caminho ecuménico, nomeadamente na preparação da semana de oração pela unidade dos cristãos, embora alguns dos seus membros participem nessa oração a título individual. Esta Igreja tem dúvidas quanto ao facto de o Ecumenismo ser, realmente, possível. Ainda que reconheça o pedido/oração de Jesus (Cf. Jo 17), não aceita prescindir do modo como vive e crê a religião cristã.

A Igreja Evangélica Assembleia de Deus não procura fazer caminho rumo à unidade, mas respeita todas as confissões religiosas. O mesmo se diga das Igrejas Cristã Testemunhas de Jeová e Igreja Evangélica Assembleia de Deus Ebenézer – Ministério Santo André São Paulo. Ambas afirmam desconhecer, por completo, o dinamismo do Ecumenismo, mostrando-se totalmente hostis relativamente a qualquer tipo de cooperação com as demais confissões

cristãs. Ao contrário da Igreja Cristianismo Vivo e da Igreja dos Mórmons que, desconhecendo o caminho ecuménico trilhado, não se fecham a possibilidade de dialogar, orar juntos e realizar ações socio-caritativas com outras confissões.

Devido à impossibilidade de realizar entrevistas com os responsáveis da Congregação Cristã em Portugal e do Centro de ajuda/ IURD, como já foi referido no início deste capítulo, depreendeu-se que estarão adversos a qualquer tipo de caminho de aproximação que leve à unidade ou simplesmente ao conhecimento mútuo, permanecendo fechados às suas doutrinas.

A partir dos contactos estabelecidos pode inferir-se que, entre algumas famílias religiosas não católicas da cidade de Guimarães, qualquer iniciativa prática de auxílio ao outro é possível. Pelo contrário, a discussão sobre assuntos doutrinários revela-se uma questão problemática, não sendo genericamente aceite. Não obstante, a maioria coloca em cima da mesa de trabalho a hipótese de realizar encontros para partilhar e aprofundar o estudo da Sagrada Escritura.

Quanto ao procedimento das comunidades paroquiais católicas da cidade em análise, em relação ao percurso ecuménico, conclui-se que não existe qualquer ação exclusiva no programa pastoral das comunidades, nem um desenvolvimento comunitário de ação ecuménica, a nível local, exceção feita à semana de oração pela unidade dos cristãos, no âmbito da qual os sacerdotes procuram esclarecer os fiéis sobre a temática do ano preparado pelo Pontifício Conselho para a Promoção da Unidade dos Cristãos e pela Comissão Fé e Constituição do Conselho Mundial de Igrejas. O mesmo é dizer que esta semana, para a Igreja Católica serve para sensibilizar e chamar a atenção dos fiéis para a necessidade da oração e o dever de respeitar e conhecer o outro no seu caminho de fé, como referiu na entrevista o pároco de Nossa Senhora da Conceição, Guimarães.

Segundo o responsável da paróquia São Dâmaso, o fundamento e o caminho para o verdadeiro Ecumenismo é a oração, enquanto «alavanca para levantar os problemas, as

angústias e os sofrimentos da separação». No mesmo sentido, só pela ação do Espírito Santo é possível orientarmo-nos no sentido do encontro com o outro. Porém, a ligação com os não católicos é igualmente possível através da ação do testemunho de vida de cada um e na resposta às necessidades materiais e espirituais, pondo em prática a solidariedade e a fraternidade, numa linha de “fazer bem sem olhar a quem”, reforçou na entrevista o pároco de Nossa Senhora da Oliveira.

Todavia, a ação dos responsáveis das comunidades católicas tem permanecido, simplesmente, pela exortação e pela sensibilização da necessidade da unidade dos cristãos. Neste âmbito, refira-se como excepcional a paróquia São Sebastião, em que alguns membros, sobretudo da Pastoral Juvenil, com o seu pároco, organizam momentos de esclarecimento à comunidade sobre a importância da unidade, encontram-se mensalmente para rezar com cânticos de Taizé e ainda participam ativamente na preparação da oração “Caminhos de Reconciliação”<sup>66</sup>.

Num período em que o Ecumenismo volta a estar na ordem do dia, por ser fundamental como caminho de construção da paz e da unidade, é necessário procurar conhecer o outro, dotar-se da linguagem apropriada para dialogar com os demais, numa atitude de abertura, compreensão, respeito, encontro e compromisso. A exemplo dos passos dados na cidade de Guimarães, sente-se a urgência de alargar este movimento de encontro e diálogo sem preconceitos, uma vez que o movimento ecuménico é um caminho, que nasce do Espírito de Deus e nutre-se pela oração.

Do ponto de vista prático, a dimensão orante do Ecumenismo apresenta-se como pilar de união, com a sua força eficácia, capaz de reunir irmãos de confissões separadas. Esta dimensão assume um lugar específico e decisivo na vida de cada um, apresentando-se, também, como fundamento e sustentáculo de toda a ação pastoral. Contudo, para que esta

---

<sup>66</sup> Informação cedida numa conversa informal com um dos responsáveis pela Pastoral Juvenil da paróquia São Sebastião.

unidade se torne estável e concretizável, é necessário que cada crente se deixe fecundar pela ação do Espírito<sup>67</sup>. É, acima de tudo, por excelência a via de acesso para construir a verdadeira unidade pois o mesmo Espírito a todos unifica. A oração e o Espírito interpelam-se, pois a oração é «uma via aberta pelo Espírito Santo, o mesmo que abriu a via do ecumenismo. É uma das maiores graças concedidas no nosso tempo»<sup>68</sup>.

Constata-se que a Semana de Oração pela Unidade dos Cristãos é um tempo privilegiado para avivar e aprofundar a consciência de que aqueles que acreditam em Cristo são chamados a concretizar nas suas vidas a vontade de Deus em Jesus: «que todos sejam um» (Jo17,21). Esta atitude é profundamente espiritual. Neste sentido, considerou-se pertinente aprofundar a vertente do Ecumenismo espiritual como dimensão nuclear do caminho da unidade. «Falar de ecumenismo espiritual é renovar a consciência de que a tarefa da unidade cristã é fundamentalmente um dom de Deus, não é simplesmente obra nossa»<sup>69</sup>.

---

<sup>67</sup> Cf. João DUQUE, *Vaticano II e o Ecumenismo* in AA.VV., *Vaticano II, 50 anos, 50 olhares*, 215.

<sup>68</sup> Yves CONGAR, *Ensaio Ecuménico. O movimento, os homens, os problemas*, 205.

<sup>69</sup> José Eduardo Borges de PINHO, *Ecumenismo: Situação e perspectivas*, 125.

## 4. Caminho aberto a um Ecumenismo espiritual

Ao longo desta dissertação foi-se constatando que a oração toma um lugar essencial no caminho de encontro entre os irmãos separados. Os cristãos da cidade de Guimarães foram tecendo laços de amizade cuja fonte é o mesmo Espírito. Na realidade, o Espírito Santo que anima a Igreja é abundante na diversidade de dons e carismas (Cf. 1Cor 12, 1-11). E o dom da unidade faz criar espaços de comunhão fraterna que ultrapassam o exame de consciência e o ato do perdão, e centralizam-se na oração orientada para Cristo como fonte e graça do progresso ecuménico como dom de Deus.

Neste âmbito, recorde-se o que a encíclica *Ut Unum Sint* de João Paulo II apresenta como preponderante, a tarefa ecuménica e nela a dimensão espiritual. Assim, o documento explica que «o esforço ecuménico deve fundar-se na conversão dos corações e na oração, as quais levam à necessária purificação da memória histórica» (UUS 2). Deste modo, o Ecumenismo é também conversão, renovação evangélica, busca de fidelidade ao Evangelho e à intenção de Jesus Cristo desde a origem da Igreja, pelo que não passa só pela experiência pessoal, mas sobretudo pela dimensão comunitária<sup>70</sup>. O mesmo é dizer que «a conversão é sempre a consequência de uma experiência de fé e fruto de uma relação interpessoal e, depois, comunitária»<sup>71</sup>. Por este motivo, João Paulo II reitera, no documento em apreço, o exemplo de Paulo VI, que pediu perdão aos cristãos separados, pelas experiências, com o papado, que tenham podido constituir para eles recordações dolorosas (Cf. UUS 88).

Com efeito, de acordo com a *UUS*, o diálogo ecuménico surge como caminho de um profundo “exame de consciência”, um “diálogo da conversão” que exige um reconhecimento dos próprios erros e dos pecados cometidos contra a unidade, fundamental como ponto de

---

<sup>70</sup> Cf. José Eduardo Borges de PINHO, «A urgência da tarefa ecuménica. Notas para uma leitura da encíclica *Ut Unum Sint*», in *Brotéria*, 141 (1995) 456.

<sup>71</sup> Teresa MESSIAS, «A fé como experiência existencial», in João LOURENÇO (org). et *All A fé da Igreja*, 316.

partida para uma nova esperança<sup>72</sup>. Deve notar-se ainda, a este respeito, que a preocupação ecuménica na sua dimensão espiritual remonta ao Concílio Vaticano II, como está expresso através do decreto *UR*:

«Esta conversão do coração e esta santidade de vida, juntamente com as orações particulares e públicas pela unidade dos cristãos, devem ser tidas como a alma de todo o movimento ecuménico, e com razão podem ser chamadas ecumenismo espiritual. É coisa habitual entre os católicos reunirem-se frequentemente para aquela oração pela unidade da Igreja que o próprio Salvador pediu ardentemente ao Pai, na vigília de sua morte: “Que todos sejam um”» (UR 8).

A verdadeira expressão da unidade parte, com efeito, da conversão interior do coração e constitui condição essencial de toda a autêntica procura da unidade, que provém da oração. O mesmo é dizer que «os anseios de unidade nascem e amadurecem a partir da renovação da mente, da abnegação de si mesmo e da libérrima efusão da caridade» (UR 7).

#### **4.1. A oração pessoal e comunitária centrada em Cristo**

A oração é a escuta em ordem a acolher uma presença: a presença de Deus Pai, Filho e Espírito Santo. Assim se percebe que, segundo Tomás Pérez, o *Novo Directório Ecuménico* recomenda a prática da oração em comum orientada para restabelecer a unidade dos cristãos, nomeadamente em celebrações ecuménicas<sup>73</sup>.

É, pois, pela oração que a meta da unidade se aproxima. Pode ler-se, efetivamente, na encíclica *UUS* que «se os cristãos, apesar das suas divisões, souberem unir-se cada vez mais em oração comum ao redor de Cristo» (UUS 22), a oração ecuménica permitir-lhes-á um

---

<sup>72</sup> Cf. José Eduardo Borges de PINHO, «A urgência da tarefa ecuménica. Notas para uma leitura da encíclica *Unum Sint*», in *Brotéria*, 141 (1995) 456.

<sup>73</sup> Cf. Tomás Rincón PÉREZ, *La liturgia y sacramentos en el derecho de la Iglesia*, 82.

novo olhar sobre a história das divisões, sobre a Igreja e o Cristianismo. Mesmo perante múltiplos caminhos, o importante é ter Cristo como núcleo. Por isso, é urgente ousar cruzar caminhos e ver-de-novo Aquele que ensinou a amar e a perdoar todas as fragilidades humanas. Ele é o ponto comum, o garante e o estandarte da unidade. Por Ele, as diferenças desaparecerão e habitará o Espírito que une e reúne a todos na unidade do Pai, do Filho e do Espírito Santo (Cf. UUS 22).

Segundo Enzo Bianchi, a oração é uma exortação à escuta dos outros e do Outro, cuja função primordial é a promoção de um espaço de diálogo fraterno e de relação. Na verdade, não se reza à Trindade-unidade de Deus, mas ora-se n'Ela, envolvidos na comunhão de vida e de amor que é a própria relação divina. Por outro lado, a oração permite a descoberta da verdade a partir da Palavra revelada e incarnada. «Muitas vezes e de muitos modos, falou Deus aos nossos pais, nos tempos antigos, por meio de profetas» (Hb 1,1). Hoje, todavia, falamos através do testemunho do seu Filho. (Cf. Hb 1,2). Assim, a resposta generosa que o povo cristão Lhe pode dar é a oração «da escuta à fé, da fé ao conhecimento de Deus, e do conhecimento ao amor»<sup>74</sup>.

Nesse seguimento, Bento XVI conclui que «não existe um Ecumenismo genuíno que não afunde as suas raízes na oração»<sup>75</sup>, referindo, ainda, que para «avançar nos caminhos da comunhão ecuménica é necessário que nos tornemos ainda mais unidos na oração, mais comprometidos na busca da santidade e mais empenhados nas áreas do investigação teológica e da cooperação ao serviço de uma sociedade mais justa e fraterna»<sup>76</sup>. Para tal, é imprescindível caminhar «na presença do Senhor, em obediência à sua palavra de salvação e com a confiança no seu plano de graça, é uma mostra eloquente não só da vida de fé, mas

---

<sup>74</sup> Enzo BIANCHI, *Porque rezar, como rezar*, 35.

<sup>75</sup> BENTO XVI, *Homilia na celebração das vésperas na festa da conversão de São Paulo, na conclusão da semana de oração pela unidade dos cristãos, 25 de Janeiro de 2008* in [http://w2.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/homilies/2008/documents/hf\\_ben-xvi\\_hom\\_20080125\\_week-prayer.html](http://w2.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/homilies/2008/documents/hf_ben-xvi_hom_20080125_week-prayer.html), acedido a 29-04-2015, às 16h.

<sup>76</sup> BENTO XVI, *Apelo a compromisso espiritual e social para a unidade dos cristãos. Papa recebeu delegação da Igreja Luterana da Finlândia*, in [http://www.agencia.ecclesia.pt/cgi-bin/\\_noticia.pl?id=94055](http://www.agencia.ecclesia.pt/cgi-bin/_noticia.pl?id=94055), acedido a 25-02-2015, às 22h.

também do nosso caminho ecuménico rumo à unidade plena e visível de todos os cristãos»<sup>77</sup>. De resto, «ao longo deste caminho do Ecumenismo espiritual, caminhamos realmente com Deus e com os outros, na justiça e no amor, porque, como afirma a Declaração Conjunta sobre a Doutrina da Justificação: “Somos aceites por Deus e recebemos o Espírito Santo, que renova os nossos corações e nos capacita e convida às boas obras”»<sup>78</sup>.

Em toda a Escritura, Deus fala, criando com a humanidade uma relação livre, gratuita e consciente. Deste modo, «Deus dirigiu-Se aos homens para entrar em relação com eles, para instaurar um diálogo que tem por fim a comunhão»<sup>79</sup>.

Na verdade, o sujeito de toda a oração é o Espírito, pois é Ele que modela o crente à imagem da unidade do Filho com o Pai. Jesus é o grande pedagogo da oração. A sua oração está marcada pelo meio onde cresceu, sendo, portanto, uma oração litúrgica judaica. Jesus sempre participou nas festas no Templo de Jerusalém e viveu as celebrações da sinagoga. Porém, não deixou de encontrar uma forma pessoal de invocar e rezar ao Pai, nomeadamente quando se retira para os lugares desertos durante o silêncio noturno. A oração de Jesus é pessoal, íntima, recolhida, de verdadeiro encontro com Deus Pai. Deste modo, ensina a oração do Pai-Nosso, mediante a qual todos participam como filhos e irmãos uns dos outros. Quando se reza o Pai-Nosso, concretiza-se a vontade de Jesus de conduzir os crentes à plena comunhão. Na verdade,

«(...) devemos lembrar-nos que ela [a oração do Pai-Nosso] é a oração de todos e que as suas intenções são pronunciadas no mundo inteiro por todos os cristãos. Podemos fazer do Pai Nosso uma verdadeira oração pela unidade (...) devemos pôr nesse pedido a preocupação pelas nossas divisões e a intenção da nossa unidade cristã»<sup>80</sup>.

---

<sup>77</sup> BENTO XVI, *Avançar no ecumenismo e trabalhar em conjunto por uma sociedade mais justa e fraterna*, in <http://www.zenit.org/pt/articles/bento-xvi-avancar-no-ecumenismo-e-trabalhar-em-conjunto-por-uma-sociedade-mais-justa-e-fraterna>, acedido a 25-02-2015, às 22h30.

<sup>78</sup> *Ibidem*.

<sup>79</sup> Enzo BIANCHI, *op. cit.*, 32.

<sup>80</sup> Max THURIAN, *A unidade visível dos cristãos e a tradição*, 192.

Orar é uma forma da comunidade procurar viver a partir do próprio Deus, por intermédio de Jesus Cristo. É certo que “mais vale confiar em Deus do que fiar-se nos homens”, logo, colocando-se na presença do Pai celeste, Jesus não só ora pelos seus discípulos mas, num sentido mais universal, por todos aqueles que virão acreditar n’Ele. Na verdade, é na oração que Jesus pede a unidade para que todos os seus sejam reconhecidos como verdadeiras testemunhas no amor e na caridade à imagem da Trindade. Sabe-se, todavia, que «na tri-unicidade divina vive e perdura uma maravilhosa *diversidade* de pessoas. Mas em Deus há também uma unidade maravilhosa da vida divina (...) O Deus trino é em si uma comunhão viva na unidade relacional originária do amor»<sup>81</sup>. Só seguindo o exemplo de Cristo, na súplica que dirigiu a Deus Pai por proteção e unidade, é possível pôr fim à desunião dos cristãos, caminhando para além dos limites e da razão humana e reunindo todos em oração comum (Cf. UUS 22).

Claramente, só é possível crescer na relação com Cristo, quando se ora em comum a Deus. O escutar e acolher a Palavra de Deus são atitudes fundamentais de abertura à ação de Deus no coração humano e causa de um agir que leva à construção do Reino de Deus. Um importante exemplo deste valor da oração como construção da unidade é o texto do capítulo 17 do Evangelho de João, conhecido como a *Oração Sacerdotal de Jesus* (Jo 17,1-16). Esta denominação foi atribuída ao teólogo luterano David Chytraeus (1530-1600), mas foi Cirilo de Alexandria († 444) que reconheceu nesta passagem o carácter sacerdotal da oração<sup>82</sup>.

Este texto, é antes de mais, uma instrução para a vivência da comunhão comunitária, como sinal da comunhão do Pai e do Filho. Assim, a comunhão eclesial tem como modelo a unidade na e da Trindade, o que permite considerar Cristo como caminho de comunhão dos

---

<sup>81</sup> Kurt KOCH, «Unidade da Igreja numa perspectiva ecuménica» in *Communio* 3 (2014) 329.

<sup>82</sup> Cf. BENTO XVI, *Jesus de Nazaré: Da entrada em Jerusalém até à Ressurreição*, 71.

discípulos presentes e futuros. Jesus Cristo é, portanto, a ponte que encaminha todos aqueles que estão dispersos e congrega-os para a sua missão no mundo<sup>83</sup>.

Num breve olhar sobre a estrutura deste texto de João, depara-se com o esquema sequencial que Jesus usou na oração a Deus na primeira parte (vv.1-8) Jesus reza por si, pedindo a glorificação do Pai e a Sua; em seguida, (vv.9-19) Jesus reza pelos discípulos que o Pai lhe deu e, por fim, na terceira parte (vv.20-26), Jesus alarga este grupo a outros crentes, rezando para que estes venham a crer n'Ele por meio dos discípulos<sup>84</sup>. Assim sendo, saliente-se que a oração de Jesus começa no âmbito da cristologia e termina na dimensão eclesiológica. Assim, esta oração de Jesus ao Pai é pessoal e comunitária, parte de si para os outros, pelo que Ele é o modelo de quem sabe sair de si, expressando claramente a passagem da comunhão trinitária à comunhão eclesial.

Verifica-se, ainda, que Jesus sempre se dirige a Deus como “Pai” (vv.1.5.11.21.24.25). Além disso, desenvolve o tema da “glória” (vv.1-5.10.22) e dirige-se a todos os que o ouvem como “aqueles” (vv.2.9.24) que o próprio Pai lhe confiou. Assim, é evidente um laço estreito entre o mistério de Cristo e o mistério da Igreja (vv.10.22-24), uma Igreja que vive vinculada ao mistério de doação e comunhão que constitui a unidade entre o Pai e o Filho (é dom).

Jesus surge associado a dois círculos ligados entre si: reza pela unidade dos discípulos (vv.11-19) e dos que hão de acreditar n'Ele (v.20). A unidade mais ampla será atingida com a unidade comum, uma vez que a união é uma vitória do poder divino sobre o pecado que é a divisão. É a união do Pai e do Filho, o modelo e a fonte da unidade de todos.

Nos versículos 21 a 23, são indicadas as características e o fim da unidade<sup>85</sup>. Assim, é pela união dos fiéis que é possível ser sinal da unidade entre o Pai e o Filho, que se exprime na tríplice relação de conhecimento, amor e comunhão. Também no Evangelho de João, no capítulo 14, versículo 23, é referido que aqueles que estão unidos entre si, estão também em

---

<sup>83</sup> Cf. PHEME PERKINS, «Evangelio de Juan», in AA.VV., *Nuevo Comentario Bíblico San Jerónimo*, 578.

<sup>84</sup> Cf. SJEFF VAN TILBORG, *Comentario al Evangelio de Juan*, 341.

<sup>85</sup> Cf. PHEME PERKINS, *op. cit.*, 579.

estreita união com o Pai e o Filho. É a união vertical que fundamenta a união horizontal. A unidade dos fiéis não é somente imitação da unidade trinitária; provém dela. A unidade não é humana, desce do alto<sup>86</sup>.

Note-se que, nesta oração de Jesus pela unidade de todos os que creem, existe não só uma exortação à unidade da Igreja, mas também um desejo de que a humanidade chegue de novo à unidade que havia tido com Deus, recuperando a unidade da comunidade primitiva (v. 24)<sup>87</sup>. Assim, a comunhão eclesial não é somente doação e serviço (ser para), é também comunhão recíproca e fraternidade alegre (ser com). «A unidade dos crentes representa um desafio para o mundo»<sup>88</sup>. Cabe, portanto, à Igreja buscar e viver a comunhão em plenitude, uma comunhão de essência, de serviço e missão:

«A Igreja nasce da oração de Jesus. Mas esta oração não é meramente palavra, é o acto em que Ele “Se consagra” a Si mesmo, isto é, “Se sacrifica” pela vida do mundo. Podemos dizer também, invertendo a afirmação, que, na oração. O acontecimento cruel da cruz se torna “palavra”, se torna Festa da Expição entre Deus e o mundo. Disto nasce a Igreja como a comunidade daqueles que, por meio da palavra dos apóstolos, crêem em Cristo»<sup>89</sup>.

A oração permite gerar um espírito de diálogo capaz de conduzir à unidade perfeita, a qual Jesus reza a fim de que «todos sejam um, como Tu, Pai, estás em Mim e Eu em Ti, para que também eles sejam um em Nós, a fim de que o mundo acredite que Me enviaste» (Jo 17,21). Portanto, no meio da diversidade, da pluralidade das vozes, todos podem unir-se e encontrar-se, de modo a fazer caminho rumo à união fraterna, à fração do pão e à oração comum, à semelhança dos primeiros cristãos (Cf. Act 2,42).

---

<sup>86</sup> «A oração de Jesus está permeada por um movimento de elevação ao Pai, quase uma ascensão; mas ao mesmo tempo há uma perspectiva para baixo, em direcção à Igreja». Bruno MAGGIONI, "O Evangelho de João", in R. FABRIS – B. MAGGIONI, *Os Evangelhos (II)*, 445.

<sup>87</sup> Cf. Thomas C. ODEN – Joel C. ELOWSKY (edi.), *La Biblia comentada por los Padres de la Iglesia y otros autores de la época patristica: Nuevo Testamento (4b) Evangelio según San Juan (11-21)*, 331-337.

<sup>88</sup> PHEME PERKINS, *op. cit.*, 579.

<sup>89</sup> BENTO XVI, *Jesus de Nazaré: Da entrada em Jerusalém até à Ressurreição*, 90.

Pode-se assemelhar a oração a um caminho curto ou longo, plano ou irregular, que permite a comunhão. Neste sentido, «sem anular as diferenças e sem agregar vorazmente a oração do outro, trata-se de acolher o seu pedido na única procura do Reino que vem: assim se confere unanimidade à oração; não através do consenso, mas através da conversão dos próprios pensamentos nos de Cristo Jesus»<sup>90</sup>.

O testemunho da unidade dos cristãos é essencial para a conversão do mundo, sobretudo no reconhecimento prático e eventualmente doloroso de que as divisões entre os cristãos impedem que o mundo reconheça Cristo e O siga. Assim, «Cristo dá-nos o exemplo desta certeza inquebrantável na unidade, o que não impediu de rezar por esta mesma unidade, para que tal unidade, concedida e efectiva, se manifeste concretamente, para que se torne uma unidade viva»<sup>91</sup>.

#### **4.2. Taizé, uma parábola de comunhão**<sup>92</sup>

Existem espalhadas pela terra experiências concretas de Ecumenismo vivido a nível comunitário. É o caso da comunidade de Taizé, entre outras, que se caracteriza como comunidade ecuménica de irmãos de diferentes confissões cristãs, ligados por um compromisso para toda a vida. A sua vocação é aberta ao acolhimento a pessoas das mais diversas proveniências e confissões religiosas, numa abertura intercultural e de união, trilhando, assim, caminhos que permitam sarar feridas entre cristãos e, através da reconciliação, superar certos conflitos na humanidade<sup>93</sup>. A oração, três vezes ao dia, aberta a todos, torna claramente possível a comunhão tão desejada por Jesus.

---

<sup>90</sup> Enzo BIANCHI, *Porque rezar, como rezar*, 65-66.

<sup>91</sup> Max THURIAN, *op. cit.*, 173.

<sup>92</sup> AA.VV., *Un pèleringe de confiance sur la terre*, 6.

<sup>93</sup> Cf. Olivier CLÉMENT, *Taizé: Um sentido para a vida*, 27.

Nascido a 12 de maio de 1915, na aldeia de Provence, perto de Neuchâtel, na Suíça, Roger Louis Schütz foi o fundador da comunidade ecuménica de Taizé. Desde a infância, viveu num clima de divisão entre evangélicos e católicos<sup>94</sup>. Assim se compreende que Roger deseje «(...) que a Igreja e o mundo fossem a expressão de uma pluralidade reconciliada»<sup>95</sup>.

Em agosto de 1940, com 25 anos, instala-se sozinho na aldeia de Taizé<sup>96</sup>, onde encontrara uma casa que correspondia às suas expectativas para viver em «deserto humano»<sup>97</sup>. Aí preparou a criação de uma comunidade, em que se pudesse viver de uma forma concreta, a reconciliação, a bem-aventurança de coração e a centralidade do amor<sup>98</sup>. Com efeito, Taizé assume-se, entre os jovens, não só como lugar de encontro consigo mesmo e de partilha de experiências, mas também como um lugar de interiorização, de revisão de vida, de “escuta do coração” para uma sincera transformação de si para o “nós”. É na oração simples e acessível que o espírito desta comunidade proporciona a todos a renovação do coração e a aproximação à mesma fonte da fé<sup>99</sup>, orando pela unidade cristã<sup>100</sup>. Dá-se na oração e no amor de Cristo a transformação interior do orante na relação pessoal com Deus e com o mundo<sup>101</sup>.

Atualmente, a comunidade conta com mais de uma centena de irmãos, «(...) homens inteiramente disponíveis: não só à Palavra e atentos às coordenadas do mundo de hoje, mas inseridos num meio favorável onde tivessem a possibilidade de reflectir, de orar e de decidir em comum»<sup>102</sup>. São oriundos de cerca de trinta nacionalidades e como já se disse de diversas confissões cristãs. Por ali também já passaram milhares de jovens que procuram discernir o

---

<sup>94</sup> Em virtude de o pai ser um pastor evangélico e a avó materna frequentar a Igreja Católica. Desta, Roger terá recebido, certamente, o exemplo da unidade, quando a acompanhava à igreja e, além disso, o testemunho de fraternidade pelo acolhimento de refugiados na casa da avó, a qual terá preparado o terreno para aquela que seria a missão do fundador de Taizé.

<sup>95</sup> Christian FELDMANN, *Irmão Roger de Taizé: Uma esperança viva*, 12.

<sup>96</sup> Uma das razões que Roger ficou naquela aldeia deve-se ao acolhimento e ao pedido da anciã, uma simples e pobre mulher. E segundo Roger, Cristo fala através dos pobres., in cf. Christian FELDMANN, *op. cit.*, 21.

<sup>97</sup> *Ibidem*, 21.

<sup>98</sup> Cf. Madre Teresa de CALCUTÁ e Irmão Roger de TAIZÉ, *Oração: Frescura de uma Fonte*, 99.

<sup>99</sup> Recordemos as palavras de João Paulo II, a 5 de outubro de 1986, quando visitou a comunidade de Taizé: passa-se por Taizé como por uma fonte!

<sup>100</sup> Cf. Juan Bosch NAVARRO, *Para compreender o ecumenismo*, 128-129.

<sup>101</sup> Cf. Teresa MESSIAS, *op. cit.*, 346.

<sup>102</sup> Maurice VILLAIN, *Introdução ao ecumenismo*, 294.

sentido para a sua vida e se preparam para assumir responsabilidades nos seus contextos de vida, pois «os irmãos de Taizé nunca quiseram criar um movimento centrado sobre a comunidade. Pelo contrário, (...) estimulam-nos a serem portadores de paz, de reconciliação e de confiança nas suas cidades, nas suas universidades, nos seus lugares de trabalho e nas suas paróquias»<sup>103</sup>.

Na verdade, é a própria experiência comunitária que concede aos monges a vocação ecuménica. Esta comunidade está totalmente consagrada à busca da unidade e reconciliação entre cristãos separados<sup>104</sup>. Ainda hoje, a comunidade continua a contribuir para a construção de uma Igreja unida na diversidade, como, no dizer do fundador, uma *parábola de comunhão*, pois é este o seu princípio fundamental.

Ir a Taizé é ser convidado a viver uma procura de comunhão com Deus e com os irmãos, através da oração, reflexão e partilha da vida e do trabalho comunitário em prol do bem comum. É, ainda, *parábola de comunidade*<sup>105</sup> em espírito de abertura à única Igreja de Cristo, que, centrada na oração e na Palavra de Deus, repleta de alegria, confiança e esperança, percorre as sendas dos peregrinos, através da Terra.

No centro da vida de Taizé está a oração três vezes ao dia, no seguimento da tradição do monaquismo. Não pretende ser intocável quanto à sua organização externa, mas contém elementos simbólicos fulcrais para a compreensão e vivência de uma espiritualidade de uma oração interior que gera comunhão. Começa com um ou dois cânticos de louvor, para dar o mote ao encontro. Depois, segue-se a recitação de um salmo cantado, por um ou vários irmãos, sob forma responsorial, intercalando com a assembleia um refrão de *Aleluia* ou outro. A pertinência do salmo fundamenta-se no facto de ser uma oração do povo de Deus. Para

---

<sup>103</sup> Olivier CLÉMENT, *op. cit.*, 51.

<sup>104</sup> «Quem somos? Um conjunto de homens que não se escolheram e tentam agora reeditar alguma coisa da primeira comunidade cristã. Quem somos? Uma comunidade pequena e frágil, suspensa numa esperança louca: a da reconciliação de todos os baptizados e de todos os homens entre si», in Christian FELDMANN, *op.cit.*, 28.

<sup>105</sup> Luís Manuel LEITÃO, in [http://siteantigo.capuchinhos.org/vocacional/sal\\_terra/irmao\\_david\\_taize.htm](http://siteantigo.capuchinhos.org/vocacional/sal_terra/irmao_david_taize.htm), acedido a 12-08-2015, às 16h30.

expressar a centralidade da Palavra de Deus, proclama-se uma breve leitura, através da qual Deus fala ao crente que O escuta. A oração prossegue com um cântico e um longo momento de silêncio, onde cada pode encontrar-se a sós com Deus, como um amigo fala a um amigo, à luz da Palavra escutada.

«Quando tentamos encontrar palavras para expressar a comunhão com Deus, a inteligência encontra-se rapidamente limitada. Mas, nas profundezas da pessoa humana, pelo Espírito Santo, Cristo reza mais do que nós imaginamos. A voz de Deus não se cala, mas Deus nunca se quer impor. Frequentemente, a sua voz escuta-se como um murmúrio, num sopro de silêncio. Permanecer em silêncio na sua presença, para acolher o seu Espírito, é já uma forma de rezar. Não se deve procurar um método para alcançar o silêncio interior a qualquer preço, suscitando um vazio em si próprio. Durante o silêncio, somos convidados a deixar Cristo rezar em nós, com a confiança de uma criança e, assim, um dia descobriremos que as profundezas da pessoa humana são habitadas»<sup>106</sup>.

Se a oração é uma conversa com Deus, Este faz-se ouvir no silêncio. É no silêncio que a Palavra chama o Homem a viver em Deus, deixando-se a si próprio e testemunhando com verdadeira fé a Vida que Deus lhe concede<sup>107</sup>. «O silêncio dá-nos um olhar novo sobre todas as coisas. Temos necessidade deste silêncio para podermos tocar as almas dos outros. O essencial não está naquilo que dizemos, mas naquilo que Deus nos diz e naquilo que Ele transmite por nosso intermédio»<sup>108</sup>.

A oração comunitária prolonga-se para além da colina de Taizé, tendo presente o carácter universal da Igreja, através da formulação de preces pela humanidade. Sendo estes enunciados por um ou dois leitores ou solistas, as respostas, rezadas ou cantadas, são expressão do sentimento de toda a assembleia. A conclusão da oração comum não é

---

<sup>106</sup> Comunidade TAIZÉ, in [http://www.taize.fr/pt\\_article584.html](http://www.taize.fr/pt_article584.html) acedido a 15-11-2014, às 18h00.

<sup>107</sup> Cf. Karl RAHNER, *Apelos ao Deus do Silêncio. Dez Meditações*, 83.

<sup>108</sup> Madre Teresa de CALCUTÁ e Irmão Roger de TAIZÉ, *op. cit.*, 38-39.

definitiva; segue-se-lhe o Pai-Nosso e a oração conclusiva, sendo possível, a quem queira, continuar a orar através de cânticos meditativos.

Outro elemento que dispõe a oração de Taizé é a centralidade da *Palavra de Deus*. Nesta comunidade, toda a vida é pautada pela Palavra, nas orações, nas reflexões bíblicas e no serviço a que são chamados os irmãos. A regra monástica dos irmãos sublinha: «Que, na tua jornada o trabalho e o repouso sejam vivificados pela Palavra de Deus»<sup>109</sup>.

Por fim, devem realçar-se os *ícones* espalhados pela igreja da Reconciliação, um legado dos cristãos da Igreja Ortodoxa para toda a Cristandade. Saliente-se que os ícones «participam na beleza da oração. Eles são como janelas que se abrem às realidades do Reino de Deus e as tornam presentes na nossa oração sobre a terra. Eles são um apelo à nossa própria transfiguração»<sup>110</sup>.

Sendo assim, «a Igreja como comunhão pode tornar-se credível junto dos jovens quando se torna transparente, quando procura com toda a sua alma amar e perdoar, quando, mesmo com poucos meios, se torna acolhedora e próxima dos que sofrem»<sup>111</sup>. Este é o modelo de Igreja assumida pela comunidade de Taizé, que tem cativado tantos jovens a fazer a experiência de Deus, através da oração, da reconciliação e da paz.

Taizé é um local eminentemente ecuménico, com repercussões em todo Mundo. Em Guimarães, como foi possível verificar, não é exceção à regra. Pois existem algumas comunidades onde o espírito ecuménico de Taizé se faz sentir e os jovens procuram em cada ano ir à “fonte” em peregrinação. São estes jovens que de regresso às suas comunidades procuram implementar a oração ao estilo de Taizé.

---

<sup>109</sup> Christian FELDMANN, *op. cit.*, 23.

<sup>110</sup> COMUNIDADE DE TAIZÉ, in [http://www.taize.fr/pt\\_article584.html](http://www.taize.fr/pt_article584.html), acedido a 15-11-2014, às 18h30.

<sup>111</sup> Irmão Roger de TAIZÉ, *Deus só pode amar*, 99.

### 4.3. A Semana de Oração pela Unidade dos Cristãos

Nesta linha do Ecumenismo espiritual há que salientar ainda a Semana de Oração pela Unidade dos Cristãos. Esta semana não deve ser discrepante relativamente ao empenho e à oração cristã a que cada comunidade é chamada. Em primeiro lugar, porque se situa num período em que a Igreja e o mundo são convidados a reunir em oração comum pela mesma intercessão, a unidade. A esta semana, como em todos os momentos de oração, devem estar vinculadas, indissolúvelmente, a oração e a humildade. Além disso, orar pela unidade da Igreja que Jesus Cristo fundou «implica todos os elementos da oração cristã ordinária: ela é adoração, confissão dos pecados, acção de graças e intercessão»<sup>112</sup>.

Neste sentido, a oração deve ser considerada vínculo de unidade, de paz e de verdade. A oração cristã é, antes de mais, aprendizagem, interpretação e explicação da esperança. Deste modo, aprender a rezar é aprender a esperar e, portanto, aprender a viver<sup>113</sup>. Neste espírito, no mês de janeiro é celebrada por toda a Igreja a Semana de Oração pela Unidade dos Cristãos, com início no dia 18 e encerramento no dia 25 do referido mês, dia em que se celebra a conversão de Saulo. A Oração pela unidade dos cristãos pode ainda ser celebrada perto da festividade do Pentecostes, sendo que não se deve limitar a uma semana apenas, nem à referida atividade exclusivamente. Na verdade,

«o oitavário pela união dos cristãos é como que um grito a acordar para uma mentalidade de comunhão no interior das diversas Igrejas particulares e, nestas, nas comunidades que a compõem. Falar de unidade dos cristãos numa ocasião do ano pode ser, deste modo, perda de tempo ou, infelizmente, abordar um assunto por falta de outros»<sup>114</sup>.

---

<sup>112</sup> Max THURIAN, *op. cit.*, 167.

<sup>113</sup> Cf. Ramiro PELLITERO, *Caminho à luz de um pontificado. O grande «sim» de Deus*, 272.

<sup>114</sup> Jorge ORTIGA, «É imperioso criar uma mentalidade ecuménica» in *Acção Católica*, LXXXII (1997) 46.

Sabe-se que esta celebração remonta, pelo menos, a 1895, altura em que Leão XIII recomenda a Oração pela unidade dos cristãos sob a forma de novena<sup>115</sup>. Neste seguimento, Bento XV promoveu a participação da oração comum pela unidade, concedendo indulgências aos participantes, iniciativas maioritariamente endereçadas a pequenos grupos organizados entre si. Contudo, deve salientar-se que foi através do impulso inovador do padre Couturier que todos os cristãos e as diferentes confissões podem encontrar-se para orar em comum, dirigindo com confiança a Deus a intercessão da unidade<sup>116</sup>.

Segundo Paulo VI, a Semana de Orações pela unidade dos cristãos deveria realizar-se em ordem à «reintegração, na única Igreja instituída por Cristo, de todos os cristãos, que têm a honra e a responsabilidade deste nome, mas que ainda se encontram subdivididos em tantas frações e separados entre si e da comunhão com a Igreja»<sup>117</sup>. No mesmo seguimento, João Paulo II na encíclica já abordada, *Ut Unum Sint*, refere que o trabalho desenvolvido no Concílio Vaticano II permitiu ao Papa tomar consciência da necessidade da unidade e o empenho a que o ministério apostólico deve ter na busca da plena comunhão com todos os irmãos separados (Cf. UUS 24) Por isso, qualquer «*peregrinar do Papa pelas Igrejas*, nos diversos continentes e nos vários países da *oikouméne* contemporânea (...) comportaram, quase sempre, um encontro ecuménico e a *oração comum de irmãos que procuram a unidade em Cristo e na sua Igreja*» (UUS 24).

As meditações para a semana da oração pela unidade dos cristãos, em curso há 47 anos, estão ao cargo da Comissão Fé e Constituição do Conselho Ecuménico das Igrejas, bem como do Conselho Pontifício para a Promoção da unidade dos cristãos<sup>118</sup>.

---

<sup>115</sup> Cf. BENTO XVI, *Homilia na celebração das vésperas na festa da conversão de São Paulo, na conclusão da semana de oração pela unidade dos cristãos, 25 de Janeiro de 2008*, in [http://w2.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/homilies/2008/documents/hf\\_ben-xvi\\_hom\\_20080125\\_week-prayer.html](http://w2.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/homilies/2008/documents/hf_ben-xvi_hom_20080125_week-prayer.html), acedido a 29-04-2015, às 16h.

<sup>116</sup> Cf. Jutta BURGGRAF, *op. cit.*, 280.

<sup>117</sup> PAULO VI, Audiência Geral, 21 de Janeiro de 1979 in [http://w2.vatican.va/content/paulvi/pt/audiences/1970/documents/hf\\_p-vi\\_aud\\_19700121.html](http://w2.vatican.va/content/paulvi/pt/audiences/1970/documents/hf_p-vi_aud_19700121.html), acedido a 29-08-2015, às 14h30.

<sup>118</sup> Cf. Bento XVI, *Homilia na celebração das vésperas na festa da conversão de São Paulo, na conclusão da semana de oração pela unidade dos cristãos, 25 de Janeiro de 2008* in [http://w2.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/homilies/2008/documents/hf\\_ben-xvi\\_hom\\_20080125\\_week-prayer.html](http://w2.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/homilies/2008/documents/hf_ben-xvi_hom_20080125_week-prayer.html), acedido a 29-08-2015, às 16h.

Por outro lado, saliente-se o *Oitavário*, uma campanha de orações, penitência, reflexão e boas obras, que teve início em 1908, tem em vista a união de todas as diferentes confissões cristãs. Trata-se de um momento em que todas as confissões cristãs se reúnem para orar em comum, a fim de que sejam um (Cf. Jo 17,21), um só rebanho e um só Pastor (Cf. Jo 10,11-18)<sup>119</sup>.

O mentor do Oitavário foi o ministro episcopaliano Paul Wattson, pastor anglicano convertido ao catolicismo, que há mais de cem anos idealizou o *Church Unity Octave*, celebrado em Gaymoor (Nova Iorque) de 18 a 25 de janeiro de 1908<sup>120</sup>.

No entanto, o desenvolvimento do Ecumenismo espiritual católico, decorrente daquele oitavário inicial, fica indelevelmente marcado pela ação do padre Couturier, a cargo de quem esteve a celebração solene do primeiro Oitavário pela unidade dos cristãos, em 1936. Refira-se, neste âmbito, o empenho do já referido sacerdote no Ecumenismo, nomeadamente no estabelecimento de contactos com Ortodoxos e Protestantes, e ainda com o *CEI*, pois foi ele «quem, pela primeira vez na história, conseguiu estabelecer entre o mundo católico e o mundo cristão não católico um traço de união espiritual inquebrantável e forneceu o princípio de uma oração universal em que qualquer cristão consciente poderia e deveria participar»<sup>121</sup>.

Estes encontros de amizade e de oração também aconteceram entre as comunidades católica e evangélica desde 2001 em Guimarães, como foi possível apurar no decurso da presente investigação. Nesta cidade, a estes encontros se atribuiu a designação de “Caminhos de Reconciliação”. Atualmente estes encontros têm sido organizados pela Casa de Sicar, pelo pela Pastoral Juvenil de Guimarães e pela Igreja Evangélica. Os mesmos têm sido realizados em vários locais de Guimarães: Igreja Evangélica Baptista, *CAVIM*, Seminário do Verbo Divino, Igreja Românica de Serzedelo, Casa de Vila Pouca e Igreja Evangélica. Em ordem a preparar estes encontros, representantes dos vários grupos reúnem-se para aprofundar a

---

<sup>119</sup> Cf. Dário PEDROSO, *Que todos sejam um...*, 7.

<sup>120</sup> Cf. Maurice VILLAIN, *op. cit.*, 259.

<sup>121</sup> Maurice VILLAIN, *op. cit.*, 239.

temática proposta pelo Pontifício Conselho para a Promoção da Unidade dos Cristãos e pela Comissão Fé e Constituição do Conselho Mundial de Igrejas e, a partir daí, preparar o guião para a oração, escolher o local dos encontros, coordenar a sua divulgação e dividir tarefas.

A oração “Caminhos de Reconciliação” tem duas partes: acolhimento e oração; convívio e lanche partilhado. A celebração tem início com o acolhimento pelo responsável do local onde a oração comum é realizada. De seguida, há um cântico, depois um salmo e ressonância. Sucede-lhe um cântico de aclamação ao Evangelho (Aleluia) e a leitura bíblica, a que se segue um pequeno silêncio e a partilha da Palavra, a cargo de um leigo ou sacerdote católicos e de um membro ou pastor evangélico. Segue-se um cântico e pedidos de intercessão. Por fim, depois da oração conjunta do *Pai Nosso ecuménico*<sup>122</sup> e antes da oração final, há um momento em que uma pessoa, previamente escolhida, partilha o modo como concretiza no seu dia-a-dia a Palavra de Deus, momento designado “da palavra ao gesto”. Por fim, é feita a oração final e entoa-se o último cântico. Como conclusão deste encontro, em ordem a aprofundar os laços de amizade, há uma refeição partilhada. Neste espaço colaboram todos os participantes havendo, evidentemente, oportunidade para um diálogo mais aberto e espontâneo.

O cristão deve ser aquele que procura conhecer, viver e amar a unidade. Como escreve Ramiro Pellittero, a oração é, «a alma do movimento ecuménico, a sua origem e o seu principal impulso»<sup>123</sup>. Porque a oração comporta um carácter profundamente unificador, podemos dizer que «um ecumenismo com base cristológica só pode ser uma “participação na oração sacerdotal de Jesus” (W. Kasper), o que supõe um ecumenismo espiritual que

---

<sup>122</sup> Pai Nosso que estás nos Céus santificado seja o teu nome venha o teu reino seja feita a tua vontade assim na Terra como no Céu. O pão nosso de cada dia nos dá hoje perdoa as nossas dívidas assim como nós temos perdoado aos nossos devedores. E não nos deixeis cair em tentação mas livrai-nos do mal porque teu é o reino, o poder e a glória para sempre, ámen. (Guião da celebração da oração “Caminhos de Reconciliação” em Guimarães).

<sup>123</sup> Ramiro PELLITTERO, *op. cit.*, 89.

reconheça o primado da oração»<sup>124</sup>. Este é, verdadeiramente, um desafio e um modelo espiritual que, a seu modo, se pode aplicar a qualquer realidade, sem desajustes. Contudo, versando esta reflexão no estudo ecuménico numa cidade específica, a de Guimarães, podemos dizer que, ainda que de forma simples, com avanços e recuos, há cristãos de diversas confissões que, não desprezando este apelo unificador, permanentemente lançado, como anteriormente se constatou, procuram caminhar, incessantemente, nesta procura da comunhão.

Em suma, é premente reter que o esclarecido sentido de comunhão, assenta na fé em Cristo e, apesar das divisões entre os cristãos, podemos dizer que é na oração e pela oração que se realiza o desígnio universal da salvação de Deus. O Ecumenismo espiritual é uma oportunidade fecunda para ir mais além, visto ser um caminho aberto pelo Espírito. Assim, do ser humano espera-se, apenas, generosidade na resposta.

---

<sup>124</sup> Henrique de Noronha GALVÃO – Alexandre PALMA, «Apresentação» in *Communio* 3 (2014) 261.



## Considerações finais

A unidade não é nem pode ser abstrata, nem uma utopia. Cada crente deve estar atento aos “sinais dos tempos”, procurando renovar o modo de proceder, praticando o mandamento do amor, numa verdadeira atitude de humildade e de serviço, estabelecendo laços fraternos com os outros, pondo termo às fendas que não permitem os cristãos viverem em paz e como verdadeiros irmãos em Cristo. Recorde-se que, «não há verdadeiro ecumenismo sem conversão interior» (UR,7), capaz de adotar atitudes de acolhimento e fraternidade para com todos.

Mais importante do que voltar à história, relê-la para analisar os factos e apurar responsáveis, será oportuno ter a capacidade de dar o salto, mudar o olhar do sentido vertical para o horizontal, para o irmão. De facto, torna-se evidente que Cristo continua vivo, hoje, ferido, com o lado aberto, devido ao escândalo da divisão da própria Igreja. E, todavia, continua-se a provocar o desmembramento do próprio Cristo!

Na verdade, a realização do presente trabalho de investigação, facilitou uma maior compreensão da história com um olhar renovado, de quem não procura condenar mas reconciliar-se, para implementar o compromisso da comunhão. Cada tempo da história é fonte de ensinamentos de que se deve tirar proveito, crescendo com os erros passados e reconstruindo o futuro à luz dos passos dados no presente. É, portanto, saber reconhecer, reciprocamente, o passado e peregrinar confiadamente ao encontro do irmão em Cristo. Por um lado, é necessário uma reconciliação com o passado histórico, «libertarmo-nos de preconceitos ou abordagens estreitas e, por outro lado, aguentar incompreensões e desconfianças que existem ou podem existir»<sup>125</sup>. Sem combater a desconfiança não há

---

<sup>125</sup> Jutta BURGGRAF, *op. cit.*, 44.

Ecumenismo nem comunhão mútua; nestas circunstâncias não se poderão criar as condições necessárias para o diálogo ecuménico.

Aproximação ao outro possibilita abrir caminhos, curar feridas e terminar conflitos, num espírito de união que estimula a ser portador da paz, da reconciliação, da unidade com Cristo, em Cristo e por Cristo. Só será possível uma verdadeira purificação das “memórias” se, passando pela história, não se permanecer agarrado àquilo que continue a impedir a verdadeira unidade e comunhão entre as pessoas e as diferentes confissões cristãs. Com a progressiva democratização da sociedade e o crescente processo de secularização, têm-se evidenciado mudanças no ambiente religioso. Por isso, e a fim de evitar conflitos, importa promover a dimensão ecuménica e fomentar o consentimento do direito à liberdade religiosa, de modo a proporcionar a reflexão, aos níveis civil e religioso, a favor da paz, da tolerância, do diálogo e da cooperação entre todos os povos.

Compreende-se que a questão ecuménica tenha sido alvo de assinalável reflexão no seio da Igreja Católica, como mostrou a inesperada convocação do Concílio Vaticano II por João XXIII, mediante o qual o Catolicismo deu provas de saber olhar para o presente e, audazmente enfrentar o futuro. A unidade pedida por Jesus foi motor da aprovação do decreto *Unitatis Redintegratio*, no sentido da Igreja promover a unidade dos cristãos, através do diálogo teológico e da oração comum. Na verdade, toda a experiência de conhecimento mútuo conduz, naturalmente, à compreensão recíproca.

Ao procurar estabelecer a aproximação das diferentes confissões desunidas à Igreja Católica, os “irmãos separados”, o decreto *UR* não perde atualidade, antes sublinha a urgência de uma conversão interior que permita, ao crente e à comunidade, peregrinar movidos pelo Espírito em direção àqueles que andam afastados. O empenho ecuménico não diz respeito apenas a alguns; é um meio de ação de toda a Igreja, de todo o povo de Deus, que acredita na Trindade e confessa Jesus Cristo como Senhor e Salvador. Desta forma, um novo horizonte se

abre na compreensão e na relação com os cristãos não católicos. O caminho foi iniciado, conhecem-se ações concretas, como o diálogo teológico nas assembleias, fóruns ecumênicos e declarações conjuntas, além dos encontros de oração comum, a partir da espiritualidade própria de comunidades, como Taizé, e grupos de oração.

Uma comum religião, que una todo o ser humano e todas as confissões é considerada uma realidade utópica, não cristã e violadora da liberdade de consciência mas, o respeito pelas religiões não cristãs e a atitude de diálogo deve ser uma prioridade para os seguidores de Cristo, para que seja possível estabelecer relações na diferença e criar um itinerário comum que oriente a humanidade para a unidade. Como referiu Cipriano de Cartago no século III: «o melhor sacrifício feito por Deus é a vossa paz, a concórdia fraterna, a união de todo o povo cristão na unidade do Pai, do Filho e do Espírito Santo»<sup>126</sup>. Então, esta unidade passa não só pela relação cordial e fraterna com as outras confissões cristãs, mas também pelo diálogo que não desvaloriza ou ridiculariza e, ainda, pelo encontro com a sociedade secular, apresentando-se a Igreja neste tocante como um elo de ligação viável entre a transcendência e o homem. Sendo ícone da unidade, a Igreja coloca-se perante a sociedade como paradigma de unidade na diferença, no cumprimento da vontade do seu Mestre e Fundador, Jesus Cristo que pediu «que todos sejam um só, como Tu, Pai, estás em mim e Eu em ti» (Jo 17,21).

A expressão utilizada para caracterizar o Concílio Vaticano II foi, e continua a ser, um «terramoto»<sup>127</sup>, porquanto revolucionou o mundo tanto de crentes quanto de não crentes, ao

---

<sup>126</sup> CIPRIANO DE CARTAGO, *De Dominica oratione*, n.º 23, APUD Discurso do Santo Padre, João Paulo II, aos participantes na plenária do pontifício conselho para a promoção da unidade dos cristãos, in [https://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/speeches/1998/february/documents/hf\\_jp-ii\\_spe\\_19980219\\_unita-cristiani.html](https://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/speeches/1998/february/documents/hf_jp-ii_spe_19980219_unita-cristiani.html), acedido a 28-05-2015, às 21:00h.

<sup>127</sup> Manuel ANTUNES, *O Pensamento e o Reino, Indicadores de Civilização*, 266. «Veio depois o "terramoto" do Concílio. Ruíram as barreiras entre a Igreja e o Mundo. Certos membros do corpo eclesial ficaram, uns tomados de pânico e agarrados às colunas deixadas de pé julgando serem elas todo o edifício; outros delirantes de entusiasmo e sentindo-se de posse de uma liberdade adolescente, conquistada a partir de uma tutela milenária, precipitaram-se nos braços do Século pensando ser o Século tudo: o Logos e a Vida, a Lei e os Profetas o Alfa e o Ómega. A grande maioria, porém começa a mover-se com a relativa calma de um grande exército que, após a reunião do Estado Maior, está a pôr-se em marcha para uma longa caminhada, em terra, em parte incógnita, em parte, hostil e, em parte, expectante de uma verdadeira libertação. Esta grande maioria que espera os guias informados, os directores de consciência lúcidos, prudentes e audazes, os mestres de um pensamento que possa

apresentar a Igreja como uma realidade aberta a todos, mas ainda desconhecida por muitos. O Ecumenismo tornou-se, assim, parte integrante dos princípios norteadores das decisões da grande assembleia da Igreja, integrando um movimento essencialmente histórico, que, por isso, se nutre da história e nela se inscreve.

Após o Concílio Vaticano II, o movimento ecuménico ganhou vigor e se expandiu, mas nem todos os esforços foram feitos, o que conduziu ao esmorecimento e à estagnação da promoção pela unidade de todos os cristãos. Recuperado no pontificado de João Paulo II que, nomeadamente através da carta encíclica *Ut Unum Sint* se volta a apelar à unidade. Em resultado, o movimento ecuménico volta a ser estimulado, a partir de uma nova metodologia que desafia todos os agentes da pastoral. Por conseguinte, o Ecumenismo deixa de ser reflexão exclusivamente teológica ou doutrinal de teólogos, mas passa a ser recomendação e empenho que cada um, no seu estado de vida, põe em ir ao encontro do irmão separado, a fim de conhecer o seu modo de ser Igreja. No entanto, continua a ter o seu fundamento na Sagrada Escritura, no respeito e na compreensão pela diversidade, que não deixam de ser propícios à unidade a que todos se predisponham à conversão de coração, à santidade de vida e à oração em comum, em prol da unidade. É a oração que permite que a semente ecuménica cresça, amadureça e permaneça na vida humana e, mais especificamente, na comunidade cristã. Com efeito, o Ecumenismo espiritual realiza-se na escuta e na ação concreta do apelo à unidade feito por Jesus Cristo. Além disso, concretiza-se na interiorização do mistério da comunhão fraterna, à imagem do mistério da unidade trinitária em abandono orante à ação do Espírito<sup>128</sup>. É, na verdade, o Espírito Santo a verdadeira fonte de comunhão, criadora da unidade na diversidade, capaz de conduzir à unidade tantas realidades diversas<sup>129</sup>.

---

converter-se em ação e não se conserve como mera repetição, os orientadores verdadeiramente católicos que não apenas os católicos orientadores».

<sup>128</sup> Cf. José Joaquín ALEMANY, «Recepcion ecuménica de la encíclica UT Unum Sint», in *Miscelánea Comillas*, 56 (1998) 15-16.

<sup>129</sup> Cf. José Eduardo Borges de PINHO, «Dimensão eclesial da fé», in João LOURENÇO (org). et *All A fé da Igreja*, 224.

Em Guimarães, o percurso ecuménico avança por meio do estabelecimento de relações fraternas entre igrejas, do uso comum de lugares de culto, da permuta de pregadores, entre outros. Estas iniciativas, a que se aludiu anteriormente, mostram como os diferentes pastores e comunidades empreendem esforços no sentido de favorecer a reaproximação entre os cristãos. Na verdade, o Ecumenismo espiritual e pastoral complementam-se e expressam-se numa realidade que é cada vez mais próxima e aberta a todos.

Mas questiona-se que contribuições têm dado as várias instituições da Arquidiocese de Braga para o progresso deste caminho de reconciliação. Questiona-se, também, se a própria Faculdade de Teologia tem proposto debates de reflexão, seminários, *workshops* de sensibilização sobre o Ecumenismo, visando a urgência do encontro e reconciliação entre cristãos. Não há dúvida que a formação é, verdadeiramente imprescindível pois, para além de contribuir para o pleno desenvolvimento de um espírito integrador, procura conhecer melhor e aprofundar a própria bem como outras tradições cristãs<sup>130</sup>.

Ninguém se sinta isento do empenho ecuménico, porque todos aqueles que professam Cristo «são vivamente exortados a que façam fervorosas, frequentes e mesmo quotidianas orações a Deus para que (...) todos sejam um»<sup>131</sup>. De resto, o diálogo ecuménico surge como caminho de um profundo “exame de consciência”, como “diálogo de conversão”, exigindo um reconhecimento dos próprios erros e dos pecados cometidos contra a unidade. Este reconhecimento é o passo fundamental, como ponto de partida para uma nova esperança<sup>132</sup>.

Analisada a experiência ecuménica na cidade de Guimarães e conscientes do passado, sabendo que os passos já dados ainda percutem no presente, olha-se o presente à luz das diretrizes e dos documentos da Igreja e interroga-se acerca do futuro que se deseja ter e ser quanto à questão ecuménica. Assim, optou-se por ir ao encontro de cada um dos líderes das

---

<sup>130</sup> Cf. João DUQUE, *Vaticano II e o Ecumenismo*, 215.

<sup>131</sup> *Orientalium Ecclesiarum*, 30.

<sup>132</sup> Cf. José Eduardo Borges de PINHO, «A urgência da tarefa ecuménica. Notas para uma leitura da encíclica *Ut Unum Sint*», in *Brotéria*, 141 (1995) 456.

diferentes confissões numa lógica de conhecimento recíproco, visto que o Ecumenismo é uma peregrinação rumo à unidade. Por conseguinte, percorremos a cidade de Guimarães em busca da história de cada comunidade. Nesta cidade encontrou-se uma religiosidade diversificada, como se tornou evidente, dada a profusão de locais de culto, que vão desde a igreja Evangélica, a Baptista, à Assembleia de Deus, além de igrejas independentes como a igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, a igreja Adventista do 7.º Dia, as Testemunhas de Jeová, entre outras.

Como em qualquer peregrinação, os caminhos nem sempre são facilitados e muitos são, efetivamente, irregulares. Nesse sentido, foi possível apurar que neste caminho de aproximação com as várias famílias religiosas, presentes na cidade de Guimarães, muitos são os mitos instalados que ainda dificultam a reconciliação. Segundo a experiência das pessoas envolvidas no percurso ecumênico efetuado até ao momento naquela cidade, é necessária determinação para ir ao encontro do outro, além de um espírito de abertura e escuta, de uma atenção redobrada para compreender os modos como cada um expressa a sua fé, a fim de se construir um caminho comum. Todos têm consciência de que a unidade só é possível por vontade divina, mas isso não implica que os cristãos não se envolvam com responsabilidade e fidelidade no empenho pelo caminho ecumênico, sabemo-lo pela história e pelo presente, aferido sobretudo pelos relatos dos responsáveis entrevistados.

Deste modo, a aproximação com as diferentes confissões cristãs já apresentadas só é possível hoje num caminho de verdade, transparência, humildade e do desejo sincero de querer conhecer o modo como o outro vive a mesma fé, que une a Jesus Cristo. Por isso, acredita-se que o caminho de reconciliação é possível e consolidável, procurando dar espaço, tempo, dedicação e orando a Deus para que os passos já conseguidos não esmoreçam, antes permitam fortalecer os laços já estreitados, na fraternidade e na oração comum em vista a unidade.

Segundo Max Thurian,

«Não há contradição entre a certeza de que a unidade é dom e a oração por uma unidade que progride e se enriquece. Como a oração de Cristo, a nossa oração deve pedir essencialmente que os cristãos descubram a unidade existente entre o Pai, o Filho e o Espírito Santo e que vivam profundamente desta verdade, de forma a que o mundo possa acreditar»<sup>133</sup>.

A um nível mais pessoal, ao longo deste percurso houve a oportunidade de fazer amizades, de desvelar o desconhecido, recordar o passado e perspetivar o futuro. Assim, de início, todos os responsáveis das diferentes comunidades religiosas manifestaram alguma cordialidade. Posteriormente, alguns começaram a expressar certas reservas, mas aceitaram dialogar. Outros, todavia, fecharam-se ao diálogo e apenas viram no encontro uma oportunidade para anunciar aquilo em que acreditam deixando o convite, inclusive, a assistir às reuniões da sua Igreja.

Se, por um lado, se compreende que a realidade ecuménica ainda não seja suficientemente clara e conhecida de todos, sendo, por vezes, até distorcida da realidade dos seus propósitos, para que a unidade não seja abstrata, devemos saber comunicá-la, procurando primeiro formar para informar. É fundamental este exercício. O Ecumenismo entendido pela maioria dos representantes contactados vai no sentido de uma realidade absolutamente utópica de uniformidade, mediante subjugação ao instituído e cedência de princípios doutrinários. Na busca da unidade é, portanto, necessário um trabalho sério de formação e comunicação, no qual se deve predispor a acolher o outro na caridade e na oração, pontos-chave para cultivar a consciencialização da importância e urgência no cumprimento das palavras de Jesus: “que todos sejam um” (Jo 17,21).

---

<sup>133</sup> Max THURIAN, *op. cit.*, 174.

Os próprios responsáveis da maioria das denominações existentes em Guimarães apontaram a oração como um aspeto passível de ser realizado em conjunto, ou seja, com a Igreja Católica romana e outras confissões. Neste sentido, as já referidas confissões cristãs manifestam-se particularmente disponíveis para orar conjuntamente pela paz e pela cidade; contudo, rezar pela unidade é o passo seguinte. Na verdade, nesses momentos, Cristo é o elo de ligação e a atitude de que a todos impele à unidade (Cf. UUS 21).

Foi possível ainda ter conhecimento dos pioneiros do movimento ecuménico em Guimarães, das suas dificuldades e anseios em restabelecer a unidade fundante da Igreja de Cristo, da divulgação da comunidade de Taizé, da Fundação da Casa de Sicar, das pontes que tiveram de estabelecer, do conhecimento que tiveram de desenvolver e facultar e, sobretudo, do respeito e da atenção que aprenderam a ter pela diferença do outro.

Muitos foram aqueles que experimentaram esta aproximação com o irmão separado, em encontros de oração em comum, organizados conjuntamente ou dentro da semana da unidade dos cristãos e em encontros informais e visitas a outras comunidades religiosas.

Concluindo, é na unidade vivida pelos cristãos, na sua irradiação, nos seus frutos, no seu testemunho, que o mundo pode encontrar razão para a Fé. Para que a pastoral de hoje seja adequada e consistente, nunca devemos esquecer que a unidade é anterior à missão e ao apostolado. Na realidade, «a missão e o ecumenismo apresentam-se, por assim dizer, como gémeos siameses, que reciprocamente se desafiam e fomentam»<sup>134</sup>.

Procure-se, continuamente, viver no amor como peregrinos da unidade, chamados à reconciliação com o irmão, a fim de nos tornarmos um só corpo e um só espírito pela paz (Cf. Ef 4,3-4). Não se deixe de procurar, em cada dia, colocar em ação as palavras do bispo de Roma que, de forma incisiva, nos recorda «uma Igreja missionária deve ser uma Igreja

---

<sup>134</sup> Kurt KOCH, «Unidade da Igreja numa perspectiva ecuménica», 331.

ecumenicamente empenhada e que uma Igreja ecumenicamente empenhada é o pressuposto de uma Igreja missionária»<sup>135</sup>.

A vida do cristão só tem sentido e torna-se completa apenas quando ele é capaz de estabelecer relações, mediante uma dimensão bidirecional: vertical, na relação com Deus, e horizontal, na relação com o outro, no empenho ecuménico, para que todos sejam um só em Cristo.

---

<sup>135</sup> *Evangelii gaudium*, n.º 246.



## **Anexos**

### **Anexo 1: Conhecer as famílias religiosas não católicas da cidade de Guimarães**

#### 1- NOMES

Porque nome ou designação esta igreja é conhecida?

#### 2- ESTATÍSTICAS

Quantos membros formam a vossa comunidade em Guimarães? Quantos batizados e participantes? E em Portugal?

#### 3- HISTÓRIA, EXPANSÃO/ DINAMISMO

3.1 Como nasceu esta igreja no nosso país? Em que condições e por que motivos?

Como se alargou ao resto do país? De que forma escolhem os locais para missão?

3.2 Em Guimarães, como nasceu? Que impacto provocou o vosso aparecimento nos vimaranenses e a sua receptividade?

3.3 Quais foram as vossas principais dificuldades?

3.4 Quantos locais de culto têm em Guimarães e em Portugal?

#### 4- ESCRITURAS E ESCRITOS FUNDAMENTAIS

4.1 Em que textos procuram fundamentar-se?

4.2 Como se dão a conhecer? Que publicações têm disponíveis?

4.3 Querendo conhecer a vossa confissão cristã, particularmente do ponto de vista teológico, que leitura ou leituras aconselham a quem vem de novo?

#### 5- DOCTRINA

5.1 Têm um conjunto de crenças basilares?

5.2 Qual é a vossa identidade cristã?

## 6- PRÁTICA RELIGIOSA

6.1 Que tipo de vivência cristã e prática religiosa vos define?

6.2 Como procuram anunciar a vossa igreja e como acolhem os novos crentes?

6.3 Que ministérios existem?

## 7- ORGANIZAÇÃO

7.1 Como dinamizam os vossos locais de oração?

7.2 Há algum pastor responsável? Como estão organizados?

## 8- MOVIMENTOS ASSOCIADOS

Que movimentos existem associados à vossa igreja?

## 9- OUTRAS QUESTÕES

9.1 Conhecem ou procuram conhecer o que professam as outras igrejas ou denominações cristãs?

9.2 O que pensa a vossa igreja sobre o Ecumenismo/diálogo ecuménico?

9.3 Que ações concretas realizaram ou participaram no âmbito ecuménico?

9.4 Que frutos consideram que resultaram desse diálogo/oração?

9.5 Na sua opinião, de que forma se poderia fazer a ligação entre a vossa igreja e as outras confissões cristãs, isto é, há algum momento em que as igrejas cristãs poderiam trabalhar e estar em conjunto?

## **Anexo 2: Conhecer as famílias paroquiais da cidade de Guimarães**

### 1- NOMES

Como se chama a paróquia?

### 2- ESTATÍSTICAS

2.1 Quantos batismos foram realizados no ano 2014?

2.2 Quantas pessoas participam dominicalmente nas eucaristias? E noutros momentos de culto?

### 3- HISTÓRIA, EXPANSÃO/ DINAMISMO

3.1 Que impacto ainda provoca a Igreja Católica e as suas celebrações nos vimaranenses e qual a sua recetividade?

3.2 Quais são as vossas principais dificuldades?

3.3 Quantos locais de culto têm em Guimarães, associados à paróquia?

### 4- PRÁTICA RELIGIOSA

4.1 Que pastoral tem apresentado de evangelização?

4.2 Que ministérios existem? Quem são os responsáveis?

### 5- ORGANIZAÇÃO

5.1 Como dinamizam os vossos locais de oração?

5.2 Como está organizada a paróquia?

### 6- MOVIMENTOS ASSOCIADOS

6.1 Que movimentos existem associados à vossa paróquia?

### 7- OUTRAS QUESTÕES

7.1 Conhecem ou procuram conhecer o que professam as outras Igrejas cristãs?

7.2 O que pensa a vossa Igreja sobre o Ecumenismo/diálogo ecuménico? Que ações concretas foram realizadas nesse sentido?

7.3 Já participou em alguma oração ecuménica, por exemplo na semana de oração pela unidade dos cristãos?

7.4 Que frutos consideram que resultaram desse diálogo?

7.5 Na sua opinião, de que forma se poderia fazer a ligação entre a vossa Igreja e as outras confissões cristãs, isto é, há algum momento em que as igrejas cristãs poderiam trabalhar em conjunto?

7.6 Relativamente à comunidade de Taizé e das várias orações existentes em Guimarães, qual a sua opinião? Já realizou e participou?

# Bibliografia

## Principal

AA.VV., *Un pèlerinage de confiance sur la terre*, Les Presses de Taizé, Mâcon, 1986.

ALEMANY, José Joaquín, «Recepcion ecuménica de la encíclica UT Unum Sint», in *Miscelánea Comillas*, 56/108 (1998) 3-40.

ANTUNES, Manuel, *O Pensamento e o Reino. Indicadores de Civilização*, Verbo, Lisboa, 1972.

BENTO XVI, *Jesus de Nazaré: Da entrada em Jerusalém até à Ressurreição*, Edições Principia, Lisboa, 2011.

BIANCHI, Enzo, *Porque rezar, como rezar*, Paulus Editora, Lisboa, 2011.

*Bíblia Sagrada*, Editora Difusora Bíblica, Fátima, 2012.

BURGGRAF, Jutta, *Conocerse y Compreenderse: Una introducción al ecumenismo*, Ediciones Rialp, Madrid, 2003<sup>2</sup>.

CALCUTÁ, Madre Teresa de, e TAIZÉ, Irmão Roger de, *Oração: Frescura de uma Fonte*, Paulus Editora, Lisboa, 2014<sup>3</sup>.

CLÉMENT, Olivier, *Taizé: Um sentido para a vida*, Paulus Editora, Lisboa, 2014.

COMBY, Jean, *Para ler a história da Igreja. Vol. I Das origens ao século XI (1054)*, Editorial Perpétuo Socorro, Porto, 1997<sup>3</sup>.

\_\_\_\_\_, *Para ler a história da Igreja. Vol. II Do século XI (1054) à Revolução Francesa (1789)*, Editorial Perpétuo Socorro, Porto, 2001<sup>3</sup>.

- CONGAR, Yves, *Ensaio Ecuménicos. O movimento, os homens, os problemas*, Editorial Verbo, Vila Real de Santo António, 1985.
- DUQUE, João, *Homo Crendens: Para uma Teologia da fé*, Universidade Católica Editora, Lisboa, 2004<sup>2</sup>.
- \_\_\_\_\_, *Vaticano II e o Ecumenismo* in AA.VV., *Vaticano II, 50 anos, 50 olhares*, Paulus Editora, Lisboa, 213-216.
- FABRIS, Rinaldo – MAGGIONI, Bruno, *Os Evangelhos (II)*, Edições Loyola, São Paulo, 1998.
- FELDMANN, Christian, *Irmão Roger de Taizé: Uma esperança viva*, Paulinas, Prior Velho, 2006.
- FRANCISCUS PP., *Adhortatio Apostolica «Evangelii Gaudium»*, in *Acta Apostolica Sedis* 105 (2013) 1021-1137.
- GALVÃO, Henrique de Noronha – PALMA, Alexandre, «Apresentação» in *Communio* 3 (2014) 259-262.
- GHIRLANDA, Gianfranco, *El derecho en la Iglesia misterio de comunión: Compêndio de derecho eclesial*, San Pablo, Madrid, 1992<sup>2</sup>.
- IOANES PAULUS PP. II, *Litterae Encyclicae «Ut Unum Sint»* in *Acta Apostolica Sedis* 85 (1995) 921-982. Seguindo a edição portuguesa: JOÃO PAULO II, *Apelo à Unidade. Carta Encíclica “Ut Unum Sint” sobre o Ecumenismo*, Editorial A.O., Braga, 1995.
- \_\_\_\_\_, *As Reflexões para o ano 2000*, Livros do Brasil, Lisboa, 1994.
- KOCH, Kurt, «Unidade da Igreja numa perspectiva ecuménica» in *Communio* 3 (2014) 317-332.
- MADRIGAL, Santiago, «El compromiso ecuménico de la Iglesia Católica: de “Unitatis reintegratio” a “Ut unum sint”», in *Sal Terrae* 10 (1999) 789-802.

- \_\_\_\_\_, «Praesis ut prosis. Consideraciones en torno a la Encíclica Ut unum sint», in *Miscelánea Comillas* 55 (1997) 391-403.
- MESSIAS, Teresa, «A fé como experiênciã existencial», in João LOURENÇO (org). et All, *A fé da Igreja*, Paulus Editora, Lisboa, 2014.
- MORUJÃO, Manuel, *Ser cristão à luz do Vaticano II*, Editorial A.O., Braga, 1998.
- NAVARRO, Juan Bosch, *Para compreender o ecumenismo*, Editorial Perpétuo Socorro, Vila Nova de Gaia, 2002.
- ODEN, Thomas C. – ELOWSKY, Joel C. (edi.), *La Biblia comentada por los Padres de la Iglesia y otros autores de la época patristica: Nuevo Testamento (4b) Evangelio según San Juan (11-21)*, Editorial Ciudad Nueva, Madrid, 2013.
- ORTIGA, Jorge, «É imperioso criar uma mentalidade ecuménica» in *Acção Católica* LXXXII/1 (1997) 45-46.
- PEDROSO, Dário, *Que todos sejam um...*, Livraria Apostolado da Imprensa, Porto, 1985.
- PELLITERO, Ramiro, *Caminho à luz de um pontificado. O grande «sim» de Deus*, Editorial A.O., Braga, 2011.
- PÉREZ, Tomás Rincón, *La liturgia y sacramentos en el derecho de la Iglesia*, eunsa, ediciones Universidad de Navarra, Pamplona, 2007.
- PERKINS, PHEME, «Evangelio de Juan», in Aa.Vv., *Nuevo Comentario Bíblico San Jerónimo*, Editorial. Verbo Divino, Estella, 2002.
- PINHO, José Eduardo Borges de, «A urgência da tarefa ecuménica. Notas para uma leitura da encíclica Ut Unum Sint», in *Brotéria* 141/5 (1995) 453-468.
- \_\_\_\_\_, «Dimensão eclesial da fé», in João LOURENÇO (org). et All, *A fé da Igreja*, Paulus Editora, Lisboa, 2014.

- \_\_\_\_\_, «Igrejas cristãs e diálogo ecuménico» in *Memória I* (1994) 151-172.
- \_\_\_\_\_, «O ecumenismo vinte anos depois», in *Síntese* 101 (1986) 10-19.
- \_\_\_\_\_, *Ecumenismo: Situação e perspectivas*, Universidade Católica Editora, Lisboa, 2011.
- RAHNER, Karl, *Apelos ao Deus do Silêncio. Dez Meditações*, Edições Paulistas, Lisboa, 1968.
- ROUQUETTE, Robert, *Historia de la Iglesia. Vol. XXVIII: El Concilio Vaticano II*, Edicep, Valencia, 1978.
- SACROSANCTUM CONCILIUM OECUMENICUM VATICANUM II, Decretum «*Orientalium Ecclesiarum*» in *Acta Apostolica Sedis* 57 (1965) 76-89. Seguindo a edição portuguesa *Concílio Ecuménico Vaticano II, Decreto Orientalium Ecclesiarum*, Editorial A.O., Braga, 1992.
- \_\_\_\_\_, Decretum «*Unitatis Redintegratio*» in *Acta Apostolica Sedis* 57 (1965) 90-112. Seguindo a edição portuguesa *Concílio Ecuménico Vaticano II, Decreto Unitatis Redintegratio*, Editorial A.O., Braga, 1992.
- SANTIDRIÁN, Pedro Rodriguez, «Dicionário básico das religiões», Gráfica de Coimbra, Coimbra, 1995.
- SANTOS, Luís Aguiar, «Condicionantes na configuração do campo religioso português» in *História Religiosa de Portugal*, vol. 3, Circulo de Leitores, Lisboa, 2002.
- SOARES, Fernando da Luz, «Diálogo ecuménico enquanto diálogo com o “outro”», in *Comunicação e Cultura* 11 (2011) 67-77.
- TAIZÉ, Irmão Roger de, *Deus só pode amar*, Gráfica de Coimbra, Coimbra, 2004.
- TERRA, Domingos, «A fé como experiência existencial», in João LOURENÇO (org). et All, *A fé da Igreja*, Paulus Editora, Lisboa, 2014.

THURIAN, Max, *A unidade visível dos cristãos e a tradição*, Livraria Morais Editora, Lisboa, 1964.

TILBORG, Sjef van, *Comentario al Evangelio de Juan*, Verbo Divino, Estella, 2004.

VILAÇA, Helena, «Novas paisagens religiosas em Portugal: do centro às margens» in *Didaskalia* XLIII/1-2 (2013) 81-114.

VILLAIN, Maurice, *Introdução ao ecumenismo*, Livraria Morais Editora, Lisboa, 1962.

VILLAR, José Ramón, «El decreto conciliar sobre ecumenismo y la encíclica “Ut unum sint”», in *Scripta Theologica* 28/1 (1996) 99-120.

\_\_\_\_\_, «Elementos eclesiológicos relevantes en la Encíclica “Ut Unum Sint”» in *Diálogo Ecuménico* 101 (1996) 353-373.

## **Complementar**

AA.VV., «Crer e Pertencer: A sociedade portuguesa no início do século XXI» in *Didaskalia* XLIII/1-2 (2013).

\_\_\_\_\_, *Reconciliação, Dom de Deus e Fonte de Vida Nova. II Assembleia Ecuménica Europeia (Graz – Áustria, 23-29 de Junho de 1997)*, editorial A.O., Braga, 1998.

\_\_\_\_\_, «Unidade da Igreja», in *Communio* 3 (2014).

\_\_\_\_\_, *Un pèlerinage de confiance sur la terre*, Les Presses de Taizé, Mâcon, 1986.

\_\_\_\_\_, *Vaticano II. 50 anos, 50 olhares*, Paulus Editora, Lisboa, 2012.

- ALMEIDA, Dimas de, *O diálogo das Igrejas*, in AA.VV., *Desafios à Igreja de Bento XVI*, Casa das Letras, Cruz Quebrada, 2005<sup>1</sup>.
- BALADO, José Luís González, *O desafio de Taizé*, Edições Paulinas, São Paulo, 1977.
- BAUMANN, Urs, «Ecumenismo», in Eicher, Peter (Dir.), *Diccionario de conceptos teológicos. I Amor-Liturgia*, Editorial Herder, Barcelona, 1989, 284-299.
- BEA, Agostinho, *A união dos cristãos*, Editora Vozes, Petrópolis, 1964.
- \_\_\_\_\_, *A unidade da Igreja*, Livraria Moraes Editora, Lisboa, 1964.
- BORAU, José Luis Vázquez, *As Igrejas Cristãs (Católica, Ortodoxa, Protestante e Anglicana)*, Paulus Editora, Lisboa, 2009.
- BORGES, Anselmo «O que é uma Igreja? O que é uma Seita?», in *Igreja e Missão* 178 (1998) 195-206.
- CERETI, Giovanni, *ABC das igrejas e das confissões cristãs*, Paulus Editora, Lisboa, 2011.
- \_\_\_\_\_, *Ecumenismo*, in AA.VV., *Christos. Enciclopédia do Cristianismo*, Lisboa, 2004, 307-312.
- COMISSÃO MIXTA DE TRABALHO ENTRE O SECRETARIADO PARA UNIDADE DOS CRISTÃOS E O CONSELHO ECUMÉNICO DAS IGREJAS, «O diálogo ecuménico», in *Igreja e Missão* 31 (1968) 170-177.
- COSTA, Manuel, «Boletim ecuménico», in *Igreja e Missão* 29 (1968) 61-64.
- DUPUIS, Jacques, «O diálogo inter-religioso numa sociedade pluralista», in *Didaskalia* XXXII/1 (2002) 69-81.
- DUQUE, João, «Verdade, Doutrina e Contexto (Ecumenismo na Pós-modernidade)», in *Igreja e Missão* 178 (1998) 179-194.

- KASPER, Walter, *Caminos de unidad. Perspectivas para el Ecumenismo*, Ediciones Cristiandad, Madrid, 2008.
- MATABOSCH, Antoni, «La encíclica “Ut Unum Sint”. Una visión ecuménica prometedora», in *Diálogo Ecuménico* 101 (1996) 327-333.
- NAVARRO, Juan Bosch, *Diccionario de ecumenismo*, Editorial Verbo Divino, Estella, 1998.
- NICOLAU, Miguel, *Decreto de Ecumenismo del Concilio Vaticano II. Texto y comentario teológico y pastoral*, Editorial Apostolado de la Prensa, Madrid, 1965.
- NOGUEIRA, Eurico Dias, «Reflexos do Movimentos Ecuménico em Portugal», in *Acção Católica. Órgão Oficial da Arquidiocese de Braga* vol. LXXIX (1994) 698-705.
- PINHO, José Eduardo Borges de, «Liberdade religiosa e ecumenismo. Caminho realizado e perspectivas para o terceiro milénio», in *Didaskalia* XXVII (1997) 77-120.
- \_\_\_\_\_, «O Ecumenismo no pontificado de bento XVI», in *Acção Católica. Órgão Oficial da Arquidiocese de Braga* XCIII/2 (2008) 145-150.
- PINTASILGO, Maria de Lourdes, «Movimento Ecuménico nos nossos dias», in *Ensaio* 2 (1964) 159-179.
- RATZINGER, Joseph, *Caminhar juntos na fé. A Igreja como “Comunhão”*, Editorial A.O., Braga, 2005.
- \_\_\_\_\_, *Convocados en el caminho de la Fe. La Iglesia como comunión*, Ediciones Cristiandad, Madrid, 2004.
- \_\_\_\_\_, *Deus e o mundo. A fé cristã explicada por Bento XVI*, Edições Tenacitas, Coimbra, 2006.
- \_\_\_\_\_, *O sal da terra. O cristianismo e a Igreja Católica no Limiar do Terceiro Milénio*, Multinova, Lisboa, 1997.

- RENDEIRO, Frei Francisco, *Caminhos para a unidade*, Gráfica de Coimbra, Coimbra, 1970.
- RINCON-PEREZ, Tomas, *La liturgia y los sacramentos en el derecho la iglesia*, Ediciones Universidad de Navarra, 2007.
- RIO, Domenico del, *Karol Wojtyla. Historia de Juan Pablo II*, San Pablo, Madrid, 2004.
- SANTOS, Luís Aguiar, «Condicionantes na configuração do campo religioso português», in AZEVEDO, Carlos Moreira (Dir.), *História Religiosa de Portugal. Vol. 3 Religião e Secularização*, Circulo de Leitores, Lisboa, 2002.
- SCHUTZ, Roger, *Unidade, Esperança de Vida*, Livraria Duas Cidades, São Paulo, 1967.
- TAIZÉ, Irmão Roger de, *Amor de todo amor. As fontes de Taizé*, Editora Cidade Nova, São Paulo, 2003<sup>2</sup>.
- TEIXEIRA, Alfredo, «O ecumenismo contemporâneo no contexto da diluição e recomposição do religioso», in *Brotéria* 148 (1999) 315-333.
- Tradução Ecuménica da Bíblia*, Edições Loyola, São Paulo, 1995.
- VALL, Héctor, «Metodologia ecuménica según la Encíclica “Ut Unum Sint”» in *Diálogo Ecuménico* 101 (1996) 335-351.

## **NetGrafia**

- BENTO XVI, *Apelo a compromisso espiritual e social para a unidade dos cristãos. Papa recebeu delegação da Igreja Luterana da Finlândia*, in [http://www.agencia.ecclesia.pt/cgi-bin/\\_noticia.pl?id=94055](http://www.agencia.ecclesia.pt/cgi-bin/_noticia.pl?id=94055), acessado a 25-02-2015, às 22h.

\_\_\_\_\_, *Avançar no ecumenismo e trabalhar em conjunto por uma sociedade mais justa e fraterna*, in <http://www.zenit.org/pt/articles/bento-xvi-avancar-no-ecumenismo-e-trabalhar-em-conjunto-por-uma-sociedade-mais-justa-e-fraterna>, acessido a 25-02-2015, às 22h30.

\_\_\_\_\_, *Homilia na celebração das vésperas na festa da conversão de São Paulo, na conclusão da semana de oração pela unidade dos cristãos, 25 de Janeiro de 2008* in [http://w2.vatican.va/content/benedictxvi/pt/homilies/2008/documents/hf\\_benxvi\\_hom\\_20080125\\_week-prayer.html](http://w2.vatican.va/content/benedictxvi/pt/homilies/2008/documents/hf_benxvi_hom_20080125_week-prayer.html), acessido a 29-04-2015, às 16h.

CÂMARA MUNICIPAL DE GUIMARÃES, in <http://www.cm-guimaraes.pt/pages/1058>, acessido a 05-03-2015, às 21h00

\_\_\_\_\_, in <http://www.cm-guimaraes.pt/pages/844>, acessido a 05-03-2015, às 21h05.

COMUNIDADE DE TAIZÉ, in [http://www.taize.fr/pt\\_article584.html](http://www.taize.fr/pt_article584.html) acessido a 15-11-2014, às 18h00.

INSTITUTO NACIONAL DE ESTATÍSTICA in [http://censos.ine.pt/xportal/xmain?xpid=CENSOS&xpgid=ine\\_censos\\_publicacao\\_det&menuBOUI=13707294&contexto=pu&PUBLICACAOESpub\\_boui=37762&PUBLICACOESmodo=2&selTab=tab1](http://censos.ine.pt/xportal/xmain?xpid=CENSOS&xpgid=ine_censos_publicacao_det&menuBOUI=13707294&contexto=pu&PUBLICACAOESpub_boui=37762&PUBLICACOESmodo=2&selTab=tab1), acessido a 05-03-2015, às 21h30.

JOÃO PAULO II, *Discurso do Santo Padre aos participantes na plenária do pontifício conselho para a promoção da unidade dos cristãos*, in [https://w2.vatican.va/content/john-paulii/pt/speeches/1998/february/documents/hf\\_jpii\\_spe\\_19980219\\_unitacristini.html](https://w2.vatican.va/content/john-paulii/pt/speeches/1998/february/documents/hf_jpii_spe_19980219_unitacristini.html), acessido a 28-05-2015, às 21:00h.

JOÃO XXIII, *Discurso de sua santidade Papa João XXIII na abertura solene do SS. Concílio, 11 de outubro de 1962*, in [http://www.vatican.va/holy\\_father/john\\_xxiii/speeches/1962/](http://www.vatican.va/holy_father/john_xxiii/speeches/1962/)

documents/hf\_j-xxiii\_spe\_19621011\_openingcouncil\_po.html, acessado a 08-01-2015, às 11h30.

KOCH, Kurt, *O ecumenismo está sob uma boa estrela*, in <http://www.observatoreromano.va/pt/news/o-ecumenismo-esta-sob-uma-bo-a-estrela>, acessado a 07-01-2015, às 21h30.

LEITÃO, Luís Manuel, *Entrevista ao Irmão David, da comunidade de Taizé* in [http://siteantigo.capuchinhos.org/vocacional/sal\\_terra/irmao\\_david\\_taize.htm](http://siteantigo.capuchinhos.org/vocacional/sal_terra/irmao_david_taize.htm), acessado a 12-08-2015, às 16h30.

PAULO VI, *Audiência Geral*, 21 de Janeiro de 1979 in [http://w2.vatican.va/content/paulvi/pt/audiencias/1970/documents/hf\\_p-vi\\_aud\\_19700121.html](http://w2.vatican.va/content/paulvi/pt/audiencias/1970/documents/hf_p-vi_aud_19700121.html), acessado a 29-08-2015 às 14h30.

\_\_\_\_\_, *Discurso de Paulo VI na solene inauguração da 2ª sessão do Concílio Vaticano II*, 29 de setembro de 1963, in [http://www.vatican.va/holy\\_father/paul\\_vi/speeches/1963/documents/hf\\_pvi\\_spe\\_19630929\\_conciliovaticanoii\\_po.html](http://www.vatican.va/holy_father/paul_vi/speeches/1963/documents/hf_pvi_spe_19630929_conciliovaticanoii_po.html), acessado a 08-01-2015, às 23h57.

\_\_\_\_\_, *Discurso na última sessão pública do Concílio Vaticano II*, in [http://w2.vatican.va/content/paul-vi/pt/speeches/1965/documents/hf\\_p-vi\\_spe\\_19651207\\_epilogoconcilio.html](http://w2.vatican.va/content/paul-vi/pt/speeches/1965/documents/hf_p-vi_spe_19651207_epilogoconcilio.html), acessado a 26-11-2014, às 00h17.

\_\_\_\_\_, *Litterae Encyclicae «Ecclesiam Suam»*, in *Acta Apostolica Sedis* 56 (1964) 609-659. Seguindo a tradução portuguesa do site da Santa Sé in [http://w2.vatican.va/content/paul-vi/pt/encyclicals/documents/hf\\_pvi\\_enc\\_06081964\\_ecclesiam.html](http://w2.vatican.va/content/paul-vi/pt/encyclicals/documents/hf_pvi_enc_06081964_ecclesiam.html), acessado a 09-01-2015, às 14h.

SECRETARIADO NACIONAL DA PASTORAL DA CULTURA, *Catolicismo e outras "Identidades religiosas em Portugal": todos os resultados do estudo da Universidade Católica*, in

[http://www.snpcultura.org/catolicismo\\_e\\_outras\\_identidades\\_religiosas\\_em\\_portugal.html](http://www.snpcultura.org/catolicismo_e_outras_identidades_religiosas_em_portugal.html),  
acedido a 18-03-2015, às 17h30.

TEIXEIRA, Alfredo, *Catolicismo e "outras identidades religiosas em Portugal": coordenador do estudo propõe interpretação dos resultados*, in [http://www.snpcultura.org/catolicismo\\_e\\_outras\\_identidades\\_religiosas\\_em\\_portugal\\_interpreta%C3%A7%C3%A3o.html](http://www.snpcultura.org/catolicismo_e_outras_identidades_religiosas_em_portugal_interpreta%C3%A7%C3%A3o.html),  
acedido a 18-03-2015, às 17h10.



# Índice

Siglário.....	3
Introdução.....	5
1. Um movimento perante as divisões da Igreja.....	9
2. Concílio Vaticano II e Ecumenismo.....	15
2.1. Rumo ao decreto <i>Unitatis Redintegratio</i> .....	17
2.2. Encíclica <i>Ut Unum Sint</i> .....	22
3. Caminhos de diálogo, uma história de amizades em Guimarães .....	27
3.1. Uma diversidade de famílias religiosas .....	28
3.2. Uma peregrinação de confiança em Guimarães .....	33
3.3. Vários olhares, diferentes linguagens .....	39
4. Caminho aberto a um Ecumenismo espiritual.....	45
4.1. A oração pessoal e comunitária centrada em Cristo.....	46
4.2. Taizé, uma parábola de comunhão .....	52
4.3. A Semana de Oração pela Unidade dos Cristãos .....	57
Considerações finais.....	63
Anexos .....	73
Anexo 1: Conhecer as famílias religiosas não católicas da cidade de Guimarães .....	73
Anexo 2: Conhecer as famílias paroquiais da cidade de Guimarães.....	75
Bibliografia.....	77
Principal.....	77
Complementar .....	81
NetGrafia .....	84